



**“Eu namoro, mas o corpo é meu”: Discursos e práticas de violência sexual em
relações de intimidade entre jovens universitários/as**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação realizada sob a
orientação da Professora Doutora Sofia Neves

Wiebke Maria de Aboim Ehmke, n.º 27663

Junho de 2018

“Gender as it functions is a grave injustice. I am angry. We should all be angry. Anger has a long history of bringing about positive change. But I am also hopeful, because I believe deeply in the ability of human beings to remake themselves for the better. (...). Gender matters everywhere in the world. And I would like today to ask that we should begin to dream about and plan for a different world. A fairer world. A world of happier men and happier women who are truer to themselves. And this is how to start: we must raise our daughters differently. We must also raise our sons differently”.

(Chimamanda Ngozi Adiche – We should all be feminists)

Agradecimentos

Existem alguns agradecimentos que gostaria de fazer no início do presente relatório. Por já saberem isto (e muito mais), não me irei alongar. É apenas uma nota.

Ao ISMAI, por me ter acolhido desde o início da minha aventura na psicologia.

À Professora Doutora Sofia Neves, por me fazer ver que mudar o mundo é possível, e por acreditar que um dia também eu o conseguirei fazer.

Ao Professor Doutor Francisco Machado, por me ter mostrado o universo da Psicologia Escolar e da Educação (e por ser um *nerd* como eu).

Ao local onde me permitiram recolher os dados e aos/às participantes, pela disponibilidade e abertura.

Ao meu pai e à minha mãe, pelo amor incondicional que sentem por mim (e que é recíproco). Por me darem sempre o que preciso no momento exato.

Ao meu namorado, e agora noivo, Gustavo, por ser a pessoa mais extraordinária que já tive o prazer de conhecer. Por mudar o meu mundo todos os dias. E por querer casar comigo.

À minha irmã, Larissa, que não é irmã de sangue, mas é irmã de alma e provavelmente a pessoa mais forte que conheço.

A amigos e amigas, que me levaram para a frente quando eu achei que ia dar passos para trás. Em especial à Francisca, à Ana e ao Alexandre, por serem incríveis.

Aos meus animais de estimação, que me acompanharam nas noitadas em volta do computador a fazer transcrições.

A todos e a todas vocês, estou-vos eternamente grata. Obrigada por não terem deixado que este caminho fosse solitário e turbulento.

Resumo

No âmbito científico, surgem inúmeros estudos acerca da vitimação e perpetração das várias tipologias de violência em relações de intimidade. A presente investigação teve como principal objetivo caracterizar as relações de intimidade de jovens universitários/as, bem como possíveis práticas e dinâmicas associadas à violência sexual que nelas possam surgir, através dos seus discursos. Para isto, foram realizados 6 *focus group* com 52 alunos/as de nacionalidade Portuguesa, 29 (55.8%) do sexo feminino e 23 (44.2%) do sexo masculino, com uma média de idades de 20.67 anos. Estes/as frequentavam o primeiro ano das licenciaturas em Psicologia e Educação Física e Desporto, de uma universidade privada no norte de Portugal. Os discursos foram submetidos à técnica da análise temática, permitindo concluir que vários tipos de violência estão presentes nas relações dos/as jovens universitários/as. Igualmente, a violência sexual é algo que faz parte das relações destes/as jovens, quer pelo envio de *nudes*, quer pela obrigatoriedade da relação sexual percebida pelos elementos do sexo masculino. A desigualdade de género surge enquanto impulsionadora das questões da violência, nomeadamente ao nível da cultura do contexto académico e da vivência distinta da sexualidade por rapazes e raparigas. Estes resultados vêm reforçar a necessidade de trabalhar a igualdade de género e a construção de relações íntimas positivas o mais precocemente possível.

Palavras-chave: violência de género, violência no namoro, violência sexual.

Abstract

In the scientific area, there are numerous studies about the victimization and perpetration of various types of violence in intimate relationships. The present research had as main objective to characterize intimate relationships of university students, through their speeches, as well as possible practices and dynamics associated with sexual violence that may arise in them. For this, 6 focus groups were carried out with 52 students of Portuguese nationality, 29 (55.8%) women and 23 (44.2%) men, with a mean age of 20.67 years. These students attended the first year of their degree in psychology and physical education, at a private university in the north of Portugal. The speeches were submitted to thematic analysis, allowing to conclude that various types of violence were present in the relations of university students. Likewise, sexual violence is something that is a part of these relationships, either through sending/receiving nudes or through the obligation of sexual relations perceived by male students. Gender inequality emerges as an enhancer of violent acts, particularly in terms of the academic culture and the uneven experience of sexuality by boys and girls. These results reinforce the need to work on gender equality issues and the building of positive intimate relationships as early as possible.

Keywords: Gender violence, dating violence, sexual violence.

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	3
Capítulo I – Violências no Namoro	3
1. Caracterização da Violência de Género	3
2. Violências no Namoro	4
2.1. Caracterização e Tipologias do Fenómeno	4
2.2. Evidências Estatísticas e Empíricas em Portugal e outros Países	6
2.3. Perpetração da Violência: Diferenças de Género	8
2.4. Teorias Explicativas da Violência no Namoro	9
2.5. Dinâmicas da Violência Íntima: O Ciclo da Violência	11
2.6. Fatores de Risco	12
2.7. Consequências da Violência no Namoro	13
3. Violência Sexual	14
3.1. Caracterização da Violência Sexual	14
3.2. Tipologias da Violência Sexual	15
3.3. Violência Sexual nas Relações de Intimidade	16
3.4. Fatores de Risco para a Violência Sexual	18
3.5. Consequências da Violência Sexual	19
Capítulo II – A Violência no Namoro em Contexto Universitário	20
4. Vulnerabilidades do Contexto Universitário	20
5. Prevalência da Violência Sexual na Intimidade no Ensino Superior	20
6. Discursos Legitimadores da Violência na Intimidade	22
7. Intervenção e Re(Educação)	23
Parte II – Metodologia	25
1. Introdução	25
2. Problema de Investigação e Pergunta de Partida	25
3. Objetivo Geral e Objetivos Específicos	25
4. Caracterização dos/das Participantes e Contexto de Aplicação	26
5. Técnica de Recolha de Dados	27
6. Procedimentos	28
7. Técnica de Tratamento e Análise dos Dados	29
8. Resultados	30
8.1. Relações Íntimas Juvenis	31

8.1.1. Tipos de Relações de Intimidade	31
8.1.1.1. Relações de Namoro	31
8.1.1.2. Relações Ocasionais	32
8.1.2. Questões de Género nas Relações de Intimidade	32
8.1.2.1. Desigualdade de Género	32
8.1.2.2. Vivência da Sexualidade	33
8.1.2.3. Influência do Contexto Universitário	34
8.1.3. O Papel das Redes Sociais nos Relacionamentos	34
8.2. Experiências Íntimas Violentas	35
8.2.1. Tipologias de Violência	35
8.2.1.1. Violência Física	35
8.2.1.2. Violência Psicológica	35
8.2.1.3. Violência Social	36
8.2.1.4. Violência Sexual	37
8.2.2. Diferenças de Género na Vitimação e Perpetração	38
8.2.3. Causas Atribuídas à Violência	39
8.2.4. Representações Acerca da Vítima e do/a Agressor/a	40
8.2.5. Obstáculos ao Término da Relação Abusiva	40
8.3. Ações Contra a Violência na Intimidade	41
8.3.1. Intervenção	41
8.3.2. Prevenção	42
9. Discussão de Resultados	43
Parte III - Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas	51
Anexos	66

Índice de Tabelas

Tabela 1: Participantes por sexo e por licenciatura frequentada 26

Índice de Figuras

Figura 1: Esquema final de categorização dos resultados 30

Índice de Anexos

Anexo 1: Gráfico de caracterização da violência sexual

Anexo 2: Guião de entrevista

Anexo 3: Ficha de organização dos *focus group*

Anexo 4: Questionário sociodemográfico

Anexo 5: Consentimento informado

Anexo 6: Esquema dos resultados

Lista de Abreviaturas

APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
CDC	<i>Centers for Disease Control and Prevention</i>
FRA	<i>European Union Agency for Fundamental Rights</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
RASI	Relatório Anual de Segurança Interna
UMAR	União de Mulheres Alternativa e Resposta
UNODC	<i>United Nations Office on Drugs and Crime</i>
WHO	<i>World Health Organization</i>

Introdução

No contexto acadêmico e científico verifica-se que, de forma geral, existe uma intolerância e sensibilidade crescente à temática da violência, existindo inúmeros estudos, quantitativos e qualitativos, que sobre ela incidem.

Por volta dos anos 80 e 90, a violência no namoro emergiu enquanto objeto de estudo, como consequência do investimento na violência em relações adultas, adquirindo especial relevo no contexto educativo (Caridade & Machado, 2008). Atualmente, este fenómeno tem sido, cada vez mais, explorado à luz das questões do género. De facto, as abordagens feministas contemporâneas têm vindo a desenvolver trabalhos nesta área, baseando-se no pressuposto de que o género, enquanto mecanismo de hierarquização, continua a reforçar a diferenciação dos papéis entre homens e mulheres, inclusive nas suas relações de intimidade (Dias, Machado, Gonçalves & Manita, 2014; Neves, 2008). De igual forma, também em relações de intimidade juvenis as condutas violentas são sustentadas por crenças baseadas na desigualdade de género (Caridade & Machado, 2006). Esta violência pode assumir a forma de diferentes tipologias, como a física, psicológica, social e sexual, sendo que estas tendem a coexistir, e tendem a aumentar a em frequência e intensidade, podendo perpetuar os atos violentos até à intimidade adulta, transformando-a num problema grave de saúde pública (Beserra, Leitão, Fabião, Dixe, Veríssimo & Ferriani, 2016; Santos & Murta, 2016; WHO, 2016).

A violência sexual em relações de intimidade é particularmente ocultada pelas questões de género, o que a torna invisível, sub-reportada e especialmente perigosa (Moyano, Monge & Sierra, 2017). Por ser maioritariamente praticada por homens e contra as mulheres, esta é uma das principais formas de violência de género, acarretando graves consequências (Martins, 2012). Esta tipologia de violência tem vindo a ser sustentada pela crença de que uma relação de intimidade inclui obrigatoriamente a componente sexual, colocando um peso social sobre as mulheres de ceder às necessidades dos/as seus/suas parceiros/as (APAV, 2013). Isto é diretamente influenciado pela forma diferenciada como os sexos vivem as suas relações de namoro e a sexualidade, sendo as mulheres direcionadas para o vínculo afetivo e os homens para a exploração da sua sexualidade (Gomes, Fernandes, Ribeiro & Cardoso, 2018).

Igualmente, o foco no ensino superior tem sido cada vez maior, uma vez que este é pautado por uma reprodução significativa de estereótipos, advinda de uma cultura académica baseada em comportamentos de risco e a entrada na praxe, que estabelece uma hierarquização machista com forte carácter sexista e patriarcal, onde apenas os elementos

do sexo masculino conseguem lugares privilegiados de poder, e onde a violência sexual e psicológica é naturalizada (Mendes, Duarte, Araújo & Lopes, 2013). Desta forma, os/as estudantes universitários/as são particularmente vulneráveis à violência nas relações de intimidade, o que torna o contexto universitário num espaço privilegiado de investigação e intervenção (Duarte & Lima, 2006).

Assim, o presente estudo propõe-se a analisar os discursos e as práticas relativas à violência sexual por parte de jovens universitários/as. Para isto, foi utilizada uma metodologia qualitativa que permitiu aceder a crenças e significados a partir dos discursos destes/as jovens.

Neste seguimento, o presente estudo é composto por três partes. A primeira diz respeito ao enquadramento teórico, estando dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à violência no namoro, desde a sua caracterização enquanto uma violência de género, até às suas tipologias, evidências estatísticas, diferenças de género a nível da perpetração e vitimação; as dinâmicas da violência íntima, os fatores de risco para a violência no namoro e as suas consequências. Para além disso, é explorada detalhadamente a violência sexual, por ser o foco desta investigação, através da sua caracterização, tipologias, o seu papel nas relações de intimidade, os seus fatores de risco e consequências. Já o segundo capítulo é referente à violência no namoro em contexto universitário, onde são especificadas as vulnerabilidades deste contexto, a prevalência da violência sexual na intimidade em jovens universitários/as, os discursos legitimadores que sustentam a violência e o papel da intervenção na violência no namoro em contexto universitário.

A segunda parte do estudo engloba toda a metodologia da investigação, desde o problema de investigação e a pergunta de partida, o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo, a caracterização dos/as participantes e do contexto de aplicação, a técnica de recolha de dados, o procedimento, a técnica de tratamento e análise dos dados, os resultados e a discussão desses mesmos resultados.

Por último, na terceira parte, será feita uma reflexão crítica acerca do estudo, como forma de conclusão.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I – Violências no Namoro

1. Caracterização da Violência de Género

O conceito de violência pode ser traduzido como o “uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência em desenvolvimento ou privação” (Organização Mundial da Saúde, 2002, p.5). É um fenómeno complexo e transversal a vários contextos históricos e culturais, que envolve aspetos não só individuais, mas também culturais, sociais, políticos, económicos e educacionais (Andrade & Fonseca, 2008; Antunes & Zuin, 2008).

A violência é um conceito socialmente construído, o que lhe atribui um carácter dinâmico que varia temporalmente, estando em permanente transformação através da (re)construção social e cultural (Figueiredo, 2014). Como acontece com outros constructos, existem valores sociais e culturais que sustentam e justificam a sua prática. Sendo a violência interiorizada através de processos de socialização, é reforçada e perpetuada através das crenças e condutas que a legitimam (Caridade & Machado, 2006). Neste seguimento, as questões relacionadas com o género e a sua conceção binária encontram-se intimamente ligadas à manutenção da violência.

O binarismo de género vem reforçar a batalha de disputa pelo poder entre o homem e a mulher (Aldrighi, 2004). Quando isto acontece, estamos perante uma questão de violência de género, ou seja, a violência transforma-se numa forma social de divisão de poder e de hierarquização dos géneros (Njaine, Silva, Mújica & Gomes, 2014). Desta forma, a violência de género corresponde a um padrão específico de violência exercido contra um dos géneros (Lisboa, Barroso, Patrício & Leandro, 2009). No entanto, aproximadamente na década de 60, começou a emergir uma crescente preocupação e consciencialização relacionada com a violência exercida contra as mulheres, principalmente no âmbito das suas relações íntimas (Caridade & Machado, 2006; Dias, 2017). De acordo com a Convenção de Istambul, ou a Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica, a violência contra as mulheres surge como uma forma de violência de género, sendo esta “uma manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre mulheres e homens que levou à dominação e discriminação das mulheres pelos homens, privando assim as mulheres do seu pleno progresso” (Conselho da Europa, 2011, pp. 2). Igualmente, quando mencionamos vulnerabilidades, como é o caso de se ser mulher, não

podemos deixar de referir o conceito de interseccionalidade. Crenshaw (1991) afirma que existe uma relação de interdependência entre algumas categorias identitárias potencialmente vulnerabilizantes que têm de ser tidas em conta.

Assim, o Ser Humano é socialmente constrangido durante toda a sua vida por questões associadas ao género. A partir do momento que é visível o sexo biológico, através de características físicas específicas, inicia-se a construção social do que é adequado à masculinidade e feminidade, ou seja, o género dá ao sexo biológico um carácter fundamentalmente social (Nunes, 2009; Scott, 1990 as cited in Filho, 2005). As crenças estereotipadas e socialmente partilhadas, estão diretamente relacionadas com a forma oposta com que se definem os papéis de género, isto é, características, competências aparentemente inatas, comportamentos e funções tipicamente femininas ou masculinas, que mantêm a desigualdade (Costa, 2017; Nunes, 2009; Risman & Davis, 2013). Neste sentido, a própria construção das relações de intimidade se encontra associada aos papéis de género. As mulheres são percecionadas como submissas, devido à sua estrutura física aparentemente mais frágil, o que as coloca em situações de desempoderamento, enquanto que os homens estabelecem dominância (Cadwell, Swan & Woodbrown, 2012).

Podemos, assim, concluir que a violência de género é sustentada socialmente por uma questão de poder, marcada por assimetrias de género, construídas a partir da naturalização das desigualdades entre os sexos (Njaine, Silva, Mújica & Gomes, 2014).

2. Violências no Namoro

2.1. Caracterização e Tipologias do Fenómeno

Pela sua natureza relacional, o Ser Humano estabelece laços afetivos significativos ao longo da sua vida, adquirindo especial importância em momentos específicos das suas vidas. Geralmente, numa relação íntima, existe uma relação próxima ou de intimidade com o/a parceiro/a, do mesmo sexo ou de sexo oposto, sendo frequente existir um contacto regular, conexão emocional ou romântica, e contacto físico e/ou sexual (Breiding, Basile, Smith, Black & Mahendra, 2015). São exemplo disto as relações de namoro, que são consideradas relações íntimas não maritais, ou relações de coabitação de curta duração, que frequentemente ocorrem durante o período da adolescência ou no início da idade adulta (WHO, 2010). Assim, vão-se desenvolvendo padrões internacionais que são transportados para as relações na vida adulta, como refere Caridade (2018).

A violência no namoro é uma forma de violência de género, tendo uma natureza estrutural baseada na estereotipia de género e mecanismos sociais de subordinação das

mulheres (Centers for Disease Control and Prevention, 2011). De acordo com Teten, Ball, Valle, Noonan e Rosenbluth (2009), esta pode ser definida como a prática ou intenção de praticar atos de carácter abusivo a nível físico, psicológico, emocional, social e/ou sexual, no âmbito de relações juvenis, podendo ser levada a cabo por um/a ou ambos/as os/as parceiros/as envolvidos/as na relação de intimidade. Estes atos violentos podem ser perpetrados por atuais parceiros/as ou ex-parceiros/as (WHO, 2016). As definições de violência no namoro são, no entanto, heterogéneas, sendo que alguns/mas autores/as incluem no conceito relações ocasionais ou de curta duração (Carter-Snell, 2015). Esta violência é, ainda, transversal a relacionamentos íntimos juvenis heterossexuais e homossexuais/lésbicos (Neves, Pereira & Torres, in press). Assim, é imprescindível mencionar que a violência no namoro é criminalizada desde 2013 na alínea b) do artigo 152º do Código Penal Português, desde 21 de Fevereiro no Decreto Lei nº19.

A violência no namoro pode assumir diferentes tipologias, sendo as mais recorrentes na literatura a violência física, psicológica/emocional, sexual e/ou social (WHO, 2016). Em primeiro lugar, a violência **psicológica/emocional** corresponde a um padrão que causa ou tem intenção de causar sofrimento psicológico e/ou emocional, através de comportamentos verbais e/ou não verbais (Straus & Sweet, 1992). Esta encontra-se associada a todas as outras formas de violência, uma vez que todas tendem a causar algum nível de sofrimento psicológico (Guimarães & Campos, 2007; Breiding, Basile, Smith, Black & Mahendra, 2015). A violência psicológica engloba várias condutas, como insultos, humilhação, hostilidade, intimidação, causar medo e/ou culpa, menosprezar, ignorar, ameaçar ou coagir, explorar a vulnerabilidade da vítima, denegrir a sua imagem, manipular e o uso de técnicas de *gaslighting* (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van de Vijver, 2017; Breiding, Basile, Smith, Black & Mahendra, 2015; Toscano, 2007).

Relativamente à **violência física**, esta afirma-se como um conjunto de comportamentos que causam dano, lesões físicas ou morte, através do uso de força física, armas ou instrumentos/objetos, e que incluem, por exemplo, arranhar, morder, empurrar, agarrar, pontapear, bater, esbofetear, abanar, sufocar, queimar, restringir fisicamente, puxar o cabelo e atirar objetos (Day, Zoratto, Azambuja, Machado, Silveira, Debiaggi, Reis, Cardoso & Blank, 2003; Danis e Anderson, 2008; Breiding, Basile, Smith, Black & Mahendra, 2015).

No que respeita à **violência sexual**, esta traduz-se em qualquer tipo de experiência ou interação sexual não desejada, conseguida pela pessoa em situação de maior poder através do uso de força física, álcool e outras drogas para tornar a vítima vulnerável,

coerção, ameaça ou pressão verbal constante (Breiding, Basile, Smith, Black & Mahendra, 2015; Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996). Neste sentido, uma interação sexual abusiva ocorre sempre que a vítima não presta o seu consentimento, ou seja, a sua decisão informada e consciente, ou em situações em que a vítima se encontra incapaz de consentir ou recusar a interação sexual (National Center for Injury Prevention and Control, 2014). Esta tipologia de violência irá ser explorada mais aprofundadamente no ponto 3, uma vez que é o principal foco da presente investigação.

Por último, a **violência social** tende a manifestar-se através da restrição social da vítima e o seu isolamento do grupo de pares e familiares, bem como denegrir publicamente a sua imagem, a monitorização de movimentos e controlo (da vida social, redes sociais, financeiro, da saúde sexual e reprodutiva, de comportamentos e decisões), sendo frequentemente utilizadas formas de restrição, manipulação e/ou ameaça, que reforçam a culpabilização da vítima (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van De Vijver, 2017; Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009; Toscano 2007). Frequentemente surge nas relações de intimidade o *stalking*. Este é um padrão de vigilância, assédio ou contacto persistente, repetido e indesejado, por parte do/a atual companheiro/a ou ex-companheiro/a da vítima, fazendo-a sentir medo ou perigo (Center for Disease Control and Prevention, 2016). Este padrão abrange tentativas de contacto constantes por chamadas, mensagens, *emails*, publicações em redes sociais; observar a vítima à distância e aparecer em locais públicos que a vítima costuma frequentar (Cantor, Fisher, Chibnall, Townsend, Lee, Bruce & Thomas, 2015). Este tipo de violência foi aperfeiçoado no seguimento do aparecimento das novas tecnologias de informação e comunicação, surgindo o cibercontrolo, definido segundo Estébanez (2013) como a vigilância continuada das atividades da vítima nas redes sociais, como os *likes*, comentários, amizades adicionadas, conversas, a sua localização e o conteúdo publicado.

2.2. Evidências estatísticas e empíricas em Portugal e outros Países

Atualmente, as estimativas indicam que uma em cada três mulheres em todo o mundo sofrem pelo menos uma situação de violência física e/ou sexual no seu relacionamento íntimo (WHO, 2016).

Um dos primeiros estudos na área da violência em relações de intimidade foi realizado por Molidor e Tolman em 1998, com 635 alunos/as entre os 13 e os 18 anos de idade. Neste estudo, demonstrou-se que 31% das raparigas e 33% dos rapazes já tinham experienciado violência física na sua relação. Concluiu-se que embora não houvesse

diferença a nível da frequência da violência entre homens e mulheres, as raparigas sofriam níveis mais severos de violência e tinham maior probabilidade de sofrer violência física e sexual, enquanto que os rapazes tendencialmente sofriam de violência moderada.

A nível da União Europeia, num universo de 42000 mulheres, cerca de 20% já foram vítimas de violência física num relacionamento íntimo, 7% de violência sexual e 43% de violência psicológica ou emocional, desde os 15 anos (FRA, 2014). Em Portugal, de acordo com o mesmo estudo, 18% das mulheres inquiridas já tinham sofrido de violência física, 3% violência sexual e 36% de violência emocional. Este relatório indicou também que as mulheres mais jovens são particularmente vulneráveis à vitimação.

Contextualizando o fenómeno em Portugal, e de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2015, a violência no namoro verifica-se como a segunda causa mais frequente de vitimação entre as mulheres (33%), no grupo etário dos 18 aos 24 anos. Já o RASI de 2016 concluiu que a maior parte das denúncias de violência doméstica ocorreu entre namorados/as (86%), onde em 88% dos casos a vítima é do sexo feminino e o perpetrador do sexo masculino. Nestas relações, verificou-se uma percentagem mais elevada de violência física (86%), seguida de violência psicológica/emocional (70%), social (12%), económica (4%) e sexual (2%). Por fim, o último RASI (2017) reforça que, em 81% dos casos, a vítima é do sexo feminino e o denunciado do sexo masculino. Para além disso, em 53.3% das denúncias os/as denunciados/as mantinham uma relação de conjugalidade ou análoga a essa, e em 17.2% dos casos era ex-cônjuge ou ex-companheiro/a da vítima.

Num estudo realizado por Machado, Caridade e Martins (2010) com 4667 jovens entre os 13 e os 29 anos, constatou-se que 25.4% destes/as já tinham sido vítimas no seu relacionamento íntimo pelo menos uma vez (19.5% de violência emocional e 13.4% violência física). No que diz respeito aos/às agressores/as, um total de 30.6% dos/as jovens admitem já ter violentado o/a parceiro/a (18% através da violência física e 22.4% da violência emocional).

Em 2016, a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) desenvolveu um estudo com 2500 jovens entre os 12 e os 18 anos de idade, residentes em Braga, Porto e Coimbra, onde se concluiu que 8.5% da amostra já tinham sofrido violência psicológica, 5% violência física e 4.5% tinha sido vítima de violência sexual. Foram referidos alguns tipos de agressões como mexer no telemóvel sem autorização (16%), proibir de estar ou falar com alguém (13%), pressionar para beijar (6%), agressões físicas (5%) e pressionar para ter relações sexuais (3%). Relativamente à legitimação, concluiu-se que 22% dos/das

jovens não reconhecem o fenômeno da violência no namoro, sendo que 24% legitimam a violência psicológica, 23% a violência sexual e 9% a violência física.

O estudo mais recente da UMAR (2017), foi levado a cabo com uma amostra de 5500 jovens residentes em Portugal, com uma média de 15 anos. Relativamente à legitimação da violência, 28% dos/as inquiridos/as legitimam o controlo, 25% a perseguição, 24% a violência sexual, 24% a violência em redes sociais, 14% a violência psicológica e 6% a violência física. No que respeita à vitimação sofrida, 19% confessam terem sido vítimas de violência psicológica, 15% de perseguição, 11% violentados/as através de redes sociais, 10% sentiram-se controlados/as, 6% sofreram de violência física e também 6% de violência sexual.

É imprescindível referir o Observatório da Violência no Namoro, promovido pela Associação Plano i, que recebeu em 2017, no espaço de apenas 9 meses de funcionamento, 94 denúncias (Neves, Correia, Ferreira, Borges & Ehmke, 2018). Os dados deste Observatório indicam que as vítimas eram maioritariamente mulheres (90.4%) com uma média de 23 anos, havendo, no entanto, vítimas do sexo masculino (9.6%) com uma média de 32 anos. A maior parte das vítimas eram heterossexuais (92.6%), solteiras (84%) e estudantes (51.1%). Relativamente aos/às agressores/as, estes/as são na sua maioria homens (94.7%) com uma média de idades de 24 anos. No que respeita às agressoras (4.3%), estas apresentaram uma média de idades de 29 anos. Em 74.5% dos casos, os/as agressores/as eram ex-namorados/as das vítimas e 25.5% eram namorados/as atuais. As tipologias de violência identificadas foram a violência psicológica (89.4%), violência emocional (77.7%), violência verbal (76.6%), controlo (56.4%), violência física (52.1%), violência social (28.7%), *stalking* (23.4%), violência sexual (21.3%), violência económica (6.4%), ameaças de morte (7.4%) e homicídio (1.1%).

No entanto, apesar dos números que têm vindo a ser apresentados, não podemos desconsiderar os números ocultos pela naturalização da violência ou pelo medo da denúncia (Dardis, Edwards, Kelley & Gidycz, 2015).

2.3. Perpetração da Violência: Diferenças de Género

Nas relações íntimas juvenis, a vitimação e a perpetração tendem a co-ocorrer, ou seja, rapazes e raparigas são agressores/as e vítimas, praticando e sofrendo, geralmente, mais do que um tipo de violência (Caridade, 2018; White, 2009). De acordo com Pereira (2015), esta reciprocidade da violência é uma característica comum das relações íntimas

juvenis, não ocorrendo com tanta frequência na intimidade adulta.

No que respeita às diferenças de género na perpetração da violência, podemos afirmar que existem contradições na literatura. Se, por um lado, existem investigações que apontam no sentido de uma violência onde tanto mulheres como homens perpetram a violência, por outro parece existir uma violência simétrica onde os principais agressores são os homens (Dobash & Dobash, 2004). Segundo os autores, isto poderá ser explicado pela falta de avaliação e exploração das razões que levaram aos atos violentos. Estudos têm vindo a demonstrar que as motivações das raparigas para perpetrarem violência surgem como uma forma de equiparação de direitos, ou seja, um falso empoderamento que as leva a acreditar no direito de retaliar a violência (Neves, Pereira & Torres, in press). Para além disso, Machado, Macieira e Carreiras (2010), afirmam que quando são as mulheres as agressoras, os atos são de menor severidade e frequentemente ocorrem em autodefesa. Ou seja, as mulheres tendem a praticar uma violência pontual, circunstancial e reativa, como consequência das suas próprias experiências enquanto vítimas, apresentando uma menor probabilidade de reincidência (Neves, 2014a). No caso dos rapazes, a perpetração tende a emergir de uma necessidade de manutenção de poder sobre a vítima, produto das crenças de desigualdade de género (Hernando, 2007). Desta forma, enquanto que rapazes perpetram mais violência física e sexual, as raparigas utilizam com maior frequência a violência psicológica e emocional (Niolon, Vivolo-Kantor, Latzman, Valle, Kuoh, Burton, Taylor & Tharp, 2015).

2.4. Teorias Explicativas da Violência no Namoro

As teorias ou modelos explicativos da violência contra as mulheres, e consequentemente da violência no namoro, poderão ser divididas em três principais categorias: as teorias centradas no indivíduo (na vítima ou agressor/a), as teorias focadas na estrutura e dinâmica familiar; e as teorias socioculturais e de estruturação social (Caridade, 2018; Neves, 2008; Oliveira & Sani, 2016).

Primeiramente, as teorias centradas no indivíduo oferecem uma abordagem de **cariz individual**, focando-se no/a próprio/a agressor/a ou na vítima. De acordo com Oliveira e Sani (2016), características de natureza biológica e psicológica de cada um/a e traços de personalidade específicos podem potenciar comportamentos violentos. Por exemplo, existe uma tendência para o sexo masculino apresentar fracos recursos de resposta à violência, levando com maior frequência a mais comportamentos impulsivos e violentos (Pereira, 2015), ou seja, uma pessoa que seja tendencialmente impulsiva ou

ansiosa, irá utilizar comportamentos violentos como mediadores de funcionamento nas esferas familiares, inter-relacionais e socioculturais (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van de Vijver, 2017). Estas teorias também focam algumas competências adquiridas (ou não) por vítimas ou agressores/as. A resolução de conflitos negativa, falta de mecanismos de *coping* ou de regulação emocional (principalmente emoções negativas), a falta de experiência relacional, bem como padrões disfuncionais de comunicação interpessoal poderão influenciar a recorrência a condutas agressivas (Callahan, Tolman & Saunders, 2003; Caridade & Machado, 2013; Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007). No entanto, segundo Neves (2008), estas teorias merecem especial prudência uma vez que encontramos uma heterogeneidade de características que dificultam um quadro conceptual definitivo do que é ser vítima ou agressor/a.

Por sua vez, as **teorias familiares** baseiam-se nas estruturas e dinâmicas que surgem no microsistema família. De acordo com Oliveira e Sani (2016), este é muitas vezes pautado por um ambiente familiar negativo, onde as atitudes hostis e a negligência são vivenciadas e interiorizadas, principalmente quando existem práticas parentais coercivas e punitivas. Sendo a família uma estrutura hierárquica, existe uma aprendizagem de modelos de resolução de problemas, padrões de comunicação interpessoal e formações vinculares (Aldrighi, 2004; Neves, 2008). Desta forma, Matos, Machado, Caridade e Silva (2006) destacam a transmissão intergeracional da violência como a base destas teorias. De acordo com Kalmuss (1984 as cited in Oliveira & Sani, 2016), a transmissão intergeracional da violência envolve dois processos de aprendizagem social: a modelagem generalizada e a modelagem específica. A primeira diz respeito à aceitação da violência através da observação de agressões entre membros familiares, podendo aumentar as formas e frequência da agressão nas gerações seguintes. A modelagem específica corresponde à reprodução de agressões quando eles/as próprios/as foram violentados/as. Assim, presenciar ou sofrer de violência no seio familiar traduz a ideia de que é legítimo recorrer à violência em certas situações, como por exemplo as práticas educativas ou violência contra as mulheres, o que impede a aprendizagem de métodos de interação prossociais (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van de Vijver, 2017; Hines & Saudino, 2002; Lichter & McCloskey, 2004).

Por último, as **teorias socioculturais** providenciam uma explicação contextual das práticas violentas. Estas englobam o peso da aprendizagem social e cultural na conceptualização da violência (Oliveira & Sani, 2016). A um nível macro distinguem-se a teoria cultural da violência e a teoria patriarcal (Neves, 2008). A primeira diz respeito

a valores e normas que naturalizam a violência e, como consequência, potenciam a sua perpetração em vários contextos e domínios, adquirindo-a como uma resposta habitual (Caridade & Machado, 2013). Já a teoria patriarcal considera o estatuto inalterável da mulher enquanto submissa na intimidade e sexualidade, e a dominância do homem sobre esta. Neste seguimento, é importante sublinhar as teorias feministas. Estas destacam-se pela importância e visibilidade que dão às mensagens sociais de normalização da violência (Caridade & Machado, 2013), e sublinham a influência da organização e hierarquia social como perpetuadoras da desigualdade e potenciadoras da violência de género, trazendo especial atenção para as questões da violência sexual (Iconis, 2008; Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). Também os *media* emergem nas teorias socioculturais como uma enorme influência para qualquer faixa etária, transmitindo informação que consolida crenças associadas à desigualdade de género e do recurso à violência como resolução de conflitos (Estébanez, 2013).

Ainda parte das teorias socioculturais, é importante referir o grupo de pares como pessoas significativas. Aizpitarte, Alonso-Arbiol e Van de Vijver (2017) afirmam que dentro do grupo de pares, os/as amigos/as são vistos/as como figuras modelo, o que significa que muitas das crenças são adquiridas e partilhadas através destes/as. Quando legitimam a violência ou estão envolvidos em relações violentas, existe um fenómeno de contágio que se estende ao resto do grupo (Shorey, Wymbs, Torres, Cohen, Fite & Temple, 2017). Neste seguimento, podem surgir algumas dinâmicas de pressão grupal, bem como a necessidade de sentimento de pertença, que pode levar à relativização da violência em contexto íntimo na lógica da imitação (Oliveira & Sani, 2016).

Assim, a violência no namoro não pode ser explicada por um único modelo, uma vez que seria uma visão demasiado redutora da magnitude do fenómeno, devendo ser conceptualizada e compreendida em função do seu carácter multidimensional em termos individuais, interpessoais, estruturais, sociais e culturais (Caridade & Machado, 2013).

2.5. Dinâmicas da Violência Íntima: O Ciclo da Violência

A violência nas relações de intimidade tende a desenvolver-se de uma forma gradual, ou seja, o início da violência é subtil havendo, depois, uma escalada da violência a nível da gravidade e intensidade (Gonzalez-Ortega, Echeburúa & Coral, 2008).

O ciclo da violência, explicado por Walker em 1979, pressupõe três fases: a fase de aumento da tensão, a fase do episódio de violência e a fase da lua de mel. Na primeira fase, gera-se tensão no casal e podem surgir pequenos episódios de conflitos, que faz com

que as emoções e frustrações não consigam ser reguladas por estratégias saudáveis, aumentando, também a necessidade de controlo e domínio sobre a vítima. A segunda fase inicia-se geralmente com uma discussão ou conflito, existindo uma escalada e concretização da violência, que pode ser de vários tipos e vários níveis de severidade. Por último, ocorre a fase da lua de mel ou de reconciliação, onde o/a agressor/a se arrepende, pede desculpa e se justifica. De acordo com Ali e Naylor (2013), este ciclo mantém muitas vítimas em relações abusivas uma vez que o/a agressor/a promete mudar o seu comportamento e investir mais na relação.

Assim, muitas vezes a permanência numa relação violenta é mantida por um misto entre crenças disfuncionais sobre o amor, dependência emocional, modelos sexistas de legitimação da violência, e o próprio ciclo da violência (Hernando, 2007; OMS, 2002).

2.6. Fatores de Risco

Os fatores de risco para a ocorrência da violência na intimidade, quer para a perpetração, quer para a vitimação, são, na verdade, multidimensionais, relacionando-se entre si (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van de Vijver, 2017). De forma resumida, estes podem ser, de acordo com Caridade (2011), de carácter intrapessoal (traços de personalidade, valores e crenças baseadas na desigualdade de género, perturbações psicológicas, problemas de autoestima e depressão), interpessoal (competências de regulação emocional, comunicação interpessoal e resolução de problemas), familiar (violência conjugal, práticas parentais coercivas, abuso na infância), sociodemográfico (idade, género, etnia, nível socioeconómico, área de residência, práticas religiosas), e ambiental (violência no grupo de pares e comunidade educativa).

Podem ser salientadas algumas características intra e interpessoais que se podem considerar como fatores de risco para a violência em relações de intimidade. Relativamente aos/às agressoras, Gonzalez-Ortega, Echeburúa e Coral (2008) mencionam que a existência de certos traços de personalidade como a impulsividade, a ausência de empatia e baixa autoestima, que poderão potenciar condutas agressivas. Os mesmos autores referem ainda que esta tendência aumenta quando existe um consumo de álcool e outras drogas, e/ou perturbações psicopatológicas, embora estas nem sempre estejam presentes. Igualmente, sintomas a longo prazo de internalização nas raparigas e de externalização nos rapazes parecem influenciar a adoção de comportamentos abusivos (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). Especificamente nos rapazes, as condutas desviantes e o *bullying* tendem a ser preditores de condutas agressivas na intimidade

(Foshee, McNaughton, Vivolo-Kantor, Basile, Chang, Faris & Ennett, 2014). No que respeita às vítimas, estas tendem a apresentar uma baixa autoestima, insegurança, problemas de comunicação, dependência emocional ou carência afetiva, dificuldades a nível de assertividade, fraca rede social de apoio, e tendem a sofrer re-vitimação (Caridade, 2011; Díaz-Aguado, Arias & Seoane, 2004). Também ser do sexo feminino e ter habilitações literárias mais elevadas aparecem como preditores da vitimação (Machado, Caridade & Martins, 2010).

Focando os aspetos familiares, estudos têm vindo a demonstrar que ter sido submetido a violência no seio da família, por instabilidade familiar, maus tratos ou estilos parentais coercivos, tendem a transportar essas práticas para a intimidade (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van De Vijver, 2017; Gonzalez-Ortega, Echeburúa & Coral, 2008).

Igualmente, a exposição à violência no seio do grupo de pares pode influenciar a forma como ela é percebida, normalizando-a (Arriaga & Foshee, 2004). Existe, segundo Ismail, Berman e Ward-Griffin (2007), uma pressão grupal para se iniciar relações amorosas de forma a sere aceite, uma vez que o estado de solteiro/a é visto como algo negativo, principalmente nas raparigas. No caso dos/as jovens, a falta de experiência relacional e os padrões irrealistas sobre as questões amorosas dificulta o reconhecimento dos padrões de vitimação (Caridade, 2011; Carter-Snell, 2015).

2.7. Consequências da Violência no Namoro

A violência apresenta graves repercussões no desenvolvimento humano, tornando-se um problema de saúde pública, levando vítimas a recorrer a vários serviços de assistência, nomeadamente a polícia, hospitais, associações e serviços sociais (Center for Disease Control and Prevention, 2016; Dobash & Dobash, 2004). Porém, a vitimação não é um processo linear, o que significa que nem todas as vítimas apresentam o mesmo sofrimento, consequências e/ou sequelas (Caridade & Machado, 2006).

Os danos mais visíveis e imediatos ocorrem em consequência da violência física, que deixa marcas visuais como lesões, cortes, hematomas e fraturas (Center for Disease Control and Prevention, 2016). No entanto, não podemos ignorar os danos sofridos a nível psicológico, que é transversal a qualquer tipo de violência sofrida pelas vítimas. A violência em contexto de uma relação de namoro leva a uma redução do bem-estar emocional e autoestima, níveis elevados de stress e ansiedade, podendo levar ao aumento de comportamentos de risco como o abuso de álcool e substâncias, sintomatologia depressiva e até suicídio (Ackard, Eisenberg & Neumark-Sztainer, 2007; Callahan,

Tolman & Saunders, 2013; Center for Disease Control and Prevention, 2016; Dillan, Hussain, Loxton & Rahman, 2013; Stader, 2011). Podem, também, gerar ansiedade, comportamentos de hipervigilância, isolamento, insegurança, fragilidade, medo, tristeza, alteração de padrões alimentares de sono e, em alguns casos, distúrbios cognitivos e de memória (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). A nível académico, nota-se um pobre desempenho escolar, números elevados de absentismo e até mesmo abandono da escolaridade (Carter-Snell, 2015).

Para além disso, embora os atos de violência possam surgir de forma isolada, a violência no namoro em jovens adultos/as aumenta a probabilidade de re-vitimização, perpetuando os atos violentos até à vida conjugal e aumentando gradualmente o seu nível de frequência e severidade (Beserra, Leitão, Fabião, Dixe, Veríssimo & Ferriani, 2016; Center for Disease Control and Prevention, 2016; Oliveira & Sani, 2005; Smith & Donnelly, 2000; Toscano, 2007). Por fim, em alguns casos, a violência toma a sua forma mais extrema, a morte da vítima pelas mãos do/a agressor/a (Gonzalez-Ortega, Echeburúa & Coral, 2008; Neves, 2014b).

3. Violência Sexual

3.1. Caracterização da Violência Sexual

A presente investigação irá debruçar-se sobre a violência sexual, uma vez que esta é particularmente problemática e se encontra, muitas vezes, ocultada. Ocorre violência sexual quando existe um ou mais atos ou comportamentos de natureza sexual, que são praticados contra a vontade ou sem o consentimento da outra pessoa, e que apresenta consequências a curto e a longo prazo, a nível físico, psicológico e da saúde sexual e reprodutiva (UNODC, STOP Rape Now & World Health Organization, 2015; WHO, 2016). Este comportamento sexual é conseguido através de pressão psicológica e/ou verbal, ameaça (por exemplo do uso força física, divulgação de fotografias íntimas, ou causar dano a pessoas significativas da vítima), uso de força física ou de armas, restrição física da vítima, ou administração de álcool ou outras drogas de forma a vulnerabilizar a vítima (Cantor, Fisher, Chibnall, Townsend, Lee, Bruce & Thomas, 2015; Martins, 2012).

Uma das questões mais importantes quando abordamos a violência sexual é a questão do consentimento. Este corresponde ao sentimento, comportamento, ato explícito ou estado interno relativo à disponibilidade, vontade e desejo do ato sexual, podendo não ser necessariamente feito de forma verbal (Ventura, 2015). Assim, a violência sexual ocorre quando a vítima não consente livremente ou de forma consciente, ou quando se

encontra incapaz de consentir ou de recusar a interação sexual (APAV, 2013).

A violência sexual é uma das mais antigas formas de violência de gênero, sendo perpetrada essencialmente por homens contra mulheres (Martins, 2012). No entanto, tal não quer dizer que não existam vítimas do sexo masculino. Tanto mulheres como homens podem ser vítimas de violência sexual, no entanto, devido à sua frequência, intensidade e gravidade, bem como a motivação por trás de tais atos, faz com que seja vista sobretudo como uma forma de violência contra as mulheres (Conselho da Europa, 2011).

3.2. Tipologias da Violência Sexual

A violência sexual engloba vários comportamentos abusivos e violentos. Desta forma, para além da violação (penetração vaginal, anal e/ou oral forçada, ou forçar a penetrar a outra pessoa), envolve também contactos sexualmente abusivos, como toques, carícias, beijos, masturbação forçada, sexo oral forçado; e o assédio sexual (que não implica contacto físico), como piadas sexuais ofensivas, comentários ofensivos e/ou piropos, o exibicionismo, o *voyerismo*, o *sexting*, a exposição forçada a pornografia ou ser filmado/a durante a relação sexual sem conhecimento (Black, Basile, Breiding, Smith, Walters, Merrick, Chen & Stevens, 2011; Cantor, Fisher, Chibnall, Townsend, Lee, Bruce & Thomas, 2015; Martins, 2012; Silva, Paulos & Maia, 2018; OMS, 2002).

Devido à sua grande variedade e especificidade, em 2015, Bagwell-Gray, Messing e Baldin-White resumiram os vários tipos de violência sexual nas relações de intimidade em formato de um gráfico constituído por dois eixos e quatro quadrantes (cf. anexo 1). O eixo vertical corresponde ao tipo de invasão ou atividade sexual, abrangendo atos penetrativos aos não penetrativos. Já o eixo horizontal traduz o tipo de força utilizada, desde força física até à coerção psicológica. Foram, assim, identificados quatro quadrantes ou tipos de violência. A primeira corresponde à **coerção sexual** (ato invasivo sem recorrer a força física), que inclui formas de controlo, degradação e manipulação, para obter contacto penetrativo sexual vaginal, anal, oral ou com objetos. Para além disso, definiram a **agressão sexual** (ato invasivo com recurso a força física), onde se enquadra o uso de força física, ou ameaça, para obter relação sexual vaginal, anal, oral ou penetração com objetos. Inclui, também, penetração não desejada enquanto a vítima está inconsciente, a dormir ou sob a influência de álcool e outras drogas. Já a terceira tipologia corresponde ao **abuso sexual** (pouco invasivo sem recurso a força física), que implica controlar e/ou manipular de forma a colocar a vítima num papel de submissão, ou seja, inclui exercer domínio sobre a vítima, humilhação sexual, criticar a sua performance

sexual, exposição forçada a pornografia, e até controlar a sua saúde sexual e reprodutiva como proibir acesso a métodos contraceptivos ou forçar a tomar métodos de contraceção de emergência. Por último, surge o **contacto sexual forçado** (pouco invasivo, mas com recurso a força física). Esta categoria envolve comportamentos como apalpar, tocar na vítima sem que esta o deseje, forçar para beijar, ser masturbado/a contra a sua vontade, ou exercer força física contra um órgão sexual, por exemplo arranhar, ferrar e bater.

Não podemos esquecer o papel das tecnologias de informação e comunicação, que permitiram acesso a um mundo sexualmente explícito (Strassberg, McKinnon, Sustaíta & Rullo, 2012), influenciando a forma como as pessoas se relacionam, potenciando o aparecimento de novas formas de agressão sexual (Estébanez, 2013). Assim, emergiram fenómenos como o *cyberdating* (relações a longa distância via *internet*) e o *sexting* (Carter-Snell, 2015). Este último, segundo a autora, é a produção, envio ou receção de imagens, vídeos ou mensagens de conteúdo erótico e/ou sexual, por meio de redes sociais, *email*, telemóvel ou *Skype*. No entanto, é de notar a diferença que existe entre os sexos, sendo que na sua grande maioria os rapazes pedem às raparigas para enviarem esse tipo de conteúdos, sendo também estes que reenviam com maior frequência esses conteúdos para o grupo de pares (Pereira, 2015; Powell, 2010; Rodríguez-Castro, Alonso-Ruido, González-Fernández, Lameiras-Fernández & Carrera-Fernández, 2017). Este fenómeno deu origem a um outro tipo de violência sexual, denominado de *sextorsion*, que se traduz no uso de ameaças e chantagem nas relações íntimas, de forma a obter mais *sexts* (Estébanez, 2013; Forte, Castro, Neves & Ruído, 2018; Torres, Robles & Marco, 2014).

3.3. Violência Sexual nas Relações de Intimidade

Em Portugal, só recentemente se começou a investigar a violência sexual nas relações de intimidade, emergindo apenas nos anos 80 e 90 nos discursos sociais e educativos pela sua elevada incidência (Caridade & Machado, 2008; OMS, 2002).

De acordo com Silva, Paulos e Maia (2018), a violência sexual surge muitas vezes nas relações afetivo-sexuais dos/as jovens, independentemente de existir ou não compromisso e envolvimento afetivo. A intimidade é socialmente construída e, por isso, vivida de forma diferente por homens e mulheres, quer a nível de atitudes e expectativas, quer a nível dos comportamentos de prazer, vivência do desejo e o risco para a violência (Dias, Machado, Gonçalves & Manita, 2014; Nogueira, Saavedra & Costa, 2008). Socialmente existe um duplo padrão sexual e moral que determina práticas e comportamentos sexuais diferenciados entre homens e mulheres, tornando as

manifestações de intimidade assimétricas (Saavedra, Nogueira & Magalhães, 2010). Enquanto, por um lado, os homens são encorajados a iniciar a atividade sexual precocemente, por outro, as mulheres são mantidas no estigma da sexualidade feminina (Figueiredo, 2014; Moyano, Monge & Sierra, 2017). Desta forma, o sexo masculino apresenta uma maior liberdade sexual, aderindo mais ao sexo ocasional e tendo uma maior diversidade de parceiros/as, sendo socialmente direcionados para a dimensão física e do prazer, relativizando os vínculos afetivos (Gomes, Fernandes, Ribeiro & Cardoso, 2018). Já o sexo feminino, foca-se num discurso mais romantizado, direcionado para relações afetivas com um/a único/a parceiro/a, sendo o envolvimento sexual uma forma de fortalecimento da relação (Saavedra, Nogueira & Magalhães, 2010).

Neste seguimento, torna-se difícil definir a violência sexual nas relações de intimidade, reduzindo a probabilidade de denúncia por falta de identificação com o termo (Bagwell-Gray, Messing & Baldwin-White, 2015). As relações de intimidade estão associadas a um conjunto de direitos e deveres, diferenciados por gênero, que dita o que é esperado a nível comportamental, neste caso sexual, do homem e da mulher (APAV, 2013). Assim, se existirem crenças legitimadoras da violência contra as mulheres, ou de desigualdade de gênero, a probabilidade de ocorrer violência sexual é maior (Moyano, Monge & Sierra, 2017). Consequentemente, existe uma dificuldade em perceber a relação sexual forçada como um crime quando se encontram numa relação, uma vez que as consideram um dever, e como fazendo parte da relação, particularmente se a vítima já tiver consentido ter relações sexuais com o/a parceiro/a anteriormente (Bagwell-Gray, Messing & Baldwin-White, 2015; UNODC, STOP Rape Now & World Health Organization, 2015). Para além disso, muitos e muitas jovens concebem a ideia de que uma relação séria tem de incluir necessariamente atividade sexual, existindo uma enorme pressão para esse tipo de intimidade (APAV, 2013; Nogueira, Saavedra & Costa, 2008).

Assim, existem três categorias de crenças que sustentam a violência sexual: a justificação do episódio violento, a culpabilização da vítima e a desculpabilização do/a agressor/a (Johnson, Kuck & Schander, 1997). Em primeiro lugar, a justificação do ato abusivo surge a partir da lógica da obrigatoriedade da atividade sexual nas relações íntimas. A aceitação de papéis de gênero e a socialização sexista a que estamos expostos/as traduz a ideia que homem tem o direito de ter relações sexuais e a mulher tem o dever de ceder, remetendo a violência para uma esfera de privacidade (Caridade, 2011). Para além disso, muitos dos atos sexualmente violentos são interpretados pelas vítimas como provas de amor e de atração física (Pereira, 2015). Relativamente à culpabilização

da vítima, autores como Caridade (2011) afirmam que comportamentos de passividade, submissão, formas de vestir, o consumo de álcool e atitudes provocadoras do/a agressor/a têm vindo a aparecer nos discursos dos/as jovens. Por último, a desculpabilização do/a agressor/a surge numa lógica de minimização da gravidade dos atos, atribuindo a agressão sexual a fatores externos como o consumo de álcool e outras drogas ou, no caso dos agressores de sexo masculino, à sua natureza impulsiva e masculina (WHO, 2003).

3.4. Fatores de Risco para a Violência Sexual

Os fatores de risco possibilitam gerar perfis de agressores/as e de vítimas através de variáveis e características que estes/as apresentam com maior frequência (APAV, 2003). No entanto, é importante considerarmos estas caracterizações como vulnerabilidades, evitando processos de culpabilização das vítimas e desculpabilização dos/as agressores/as (UNODC, STOP Rape Now & World Health Organization, 2015).

Relativamente aos fatores de risco para a perpetração de violência sexual, destaca-se ser do sexo masculino e situar-se entre a adolescência e a idade adulta (APAV, 2013). Para além disso, existe uma maior probabilidade de perpetração se o/a agressor/a apresentar fantasias sexuais violentas, consumo excessivo de pornografia, e comportamentos de externalização, delinquentes ou de risco (Abbey, Wegner, Pierce & Jacques-Tiura, 2012; Ybarra & Thompson, 2017). O grupo de pares tende, também, a potenciar a violência sexual, principalmente se existir pressão grupal para a iniciação da atividade sexual, ou necessidade de aceitação e de afirmação da masculinidade perante o grupo (Martins, 2012). Por fim, comunidades onde existam punições/sanções desadequadas para crimes de violência sexual, promovem a sua ocorrência (WHO, 2016).

No que respeita à vitimação, de acordo com a APAV (2013), ser do sexo feminino, apresentar idade abaixo dos 30 anos, e encontrar-se numa relação de intimidade são os principais fatores de risco. A probabilidade de vitimação também aumenta se a vítima for pouco assertiva, apresentar alguma ansiedade associada à sua sexualidade, adote comportamentos de risco, ou já tenha sofrido abuso sexual no passado (Söchting, Fairbrother & Koch, 2004). Para além disso, défices a nível relacional, o isolamento social, ou um grupo de pares que legitimam a violência sexual, também são considerados fatores de risco para a vitimação (OMS, 2002).

Igualmente, é importante destacar que frequentar o ensino superior parece ser um fator de risco comum à vitimação e perpetração, uma vez que este contexto apresenta um elevado número de fatores de risco associados ao estilo de vida universitário (APAV,

2013). Assim, jovens do sexo feminino que frequentam o ensino superior apresentam uma maior vulnerabilidade para a violência sexual (Senn, Eliasziw, Barata, Thurston, Newby-Clark, Radtke & Hobden, 2015). No entanto, a vulnerabilidade do contexto universitário será explorada mais aprofundadamente no segundo capítulo.

3.5. Consequências da Violência Sexual

A violência sexual apresenta várias consequências a curto e a longo prazo, em termos físicos e psicológicos (WHO, 2016). A nível físico podem surgir lesões e traumas físicos nas zonas íntimas (genitais e extra genitais), bem como problemas a nível ginecológico, como a perda de desejo sexual e lubrificação, dores durante as relações sexuais, infeções e sangramento (Dantas-Berger & Griffin, 2005; Silva, Albuquerque & Mira, 2017). Para além disso, as vítimas de violência sexual têm uma maior probabilidade de apresentar infeções sexualmente transmissíveis e gravidezes não desejadas (Dillan, Hussain, Loxton & Rahman, 2013). Porém, nem todas as vítimas apresentam sequelas físicas. A falta de marcas visíveis não significa que não tenha havido violência sexual, uma vez que a vítima pode ter sido ameaçada ou coagida a não reagir à violência (UNODC, STOP Rape Now & World Health Organization, 2015).

Adicionalmente, este tipo de vitimação é caracterizada por um grande sofrimento psicológico (Shahali, Lamyian, Mohammadi, Kashanian & Eslami, 2016). Emocionalmente, tendem a aparecer sentimentos de culpa, vergonha, medo, humilhação, autorresponsabilização, letargia, vulnerabilidade, negação e choque; que muitas vezes são acompanhadas de problemas de foro psicológico, como sintomatologia depressiva, stress, alterações de humor, insónias, hipervigilância, memórias intrusivas, dificuldades de concentração, distúrbios alimentares, fobias, baixa autoestima, automutilação e/ou pensamentos suicidas (Figueiredo, 2014; Martins, 2012; Silva, Albuquerque & Mira, 2017). Para além disso, existe uma maior probabilidade de consumo de tabaco, álcool e outras drogas (Ackard, Neumark-Sztainer & Hannan, 2003). A longo prazo, as vítimas podem desenvolver outros problemas a nível psicológico, como a perturbação de stress pós-traumático, depressão, ansiedade, insónias, *flashbacks* e ataques de pânico (Hester & Lilley, 2017; Silva, Paulos & Maia, 2018).

Realizado o enquadramento da violência nas relações de intimidade, especificamente da violência sexual, será elaborada, no capítulo II, uma análise da violência no namoro em contexto universitário.

Capítulo II – A Violência no namoro em Contexto Universitário

4. Vulnerabilidades do Contexto Universitário

Os contextos educacionais ocupam um lugar central no processo da educação para a cidadania, sendo importantes agentes de mudança, potenciadores de recursos, onde se ensina e aprende, para além da educação formal baseada em sabedoria e conhecimento, valores relacionados com a justiça social, a responsabilização mútua, a tolerância, o respeito e a solidariedade (Cardona, Vieira, Uva & Tavares, 2009). Embora tendencialmente os estudos sobre a violência no namoro se foquem no período da adolescência e no contexto escolar, não podemos ocultar o fenómeno fora desses domínios, nomeadamente em relações de namoro entre jovens do ensino superior. De facto, como foi referido anteriormente, os/as estudantes universitários/as parecem ter especial vulnerabilidade à vitimação no namoro e permanência em relações íntimas de carácter abusivo (Muehlenhard, Humphreys, Jozkowski & Peterson, 2016).

No ensino superior, existe uma reprodução de estereótipos de género que favorecem comportamentos de subordinação das mulheres (Mendes, Duarte, Araújo & Lopes, 2013). A entrada na universidade significa, para muitos, a primeira experiência de emancipação, e um período de exploração baseado numa cultura de festas académicas (Armstrong, Hamilton & Sweeney, 2006; Martins, 2012). Neste sentido, também a entrada na praxe pode constituir um fator de risco importante pelo seu carácter sexista e patriarcal, com fortes conotações sexuais que desvalorizam a violência psicológica e sexual, e valorizam a hierarquização machista e a submissão feminina (Mendes, Duarte, Araújo & Lopes, 2013). Ou seja, o próprio grupo assenta numa cultura machista, aceitando práticas e atitudes que reforçam o domínio do homem sobre a mulher (Martins, 2012; Muehlenhard, Humphreys, Jozkowski & Peterson, 2016). Para além disso, a duração mais longa e o carácter mais sério das relações íntimas em contexto universitário surgem como um dos fatores de risco para a vitimação (Duarte & Lima, 2006).

5. Prevalência da Violência Sexual na Intimidade no Ensino Superior

Olhando à prevalência, vários estudos têm vindo a demonstrar que existe uma percentagem significativa de violência a ocorrer em relações íntimas entre os/as jovens universitários/as. Makepeace (1981) realizou um dos primeiros estudos com estudantes universitários/as, e concluiu de uma amostra de 202 alunos/as, 61.5% conhecia alguém que estava a ser vítima de violência no namoro, e que um em cada cinco estudantes já tinha passado por pelo menos um episódio de violência.

Igualmente, num estudo realizado por Paiva e Figueiredo (2004) com 318 estudantes universitários/as do ensino superior público e privado, concluiu-se que, relativamente à perpetração, 53.8% já tinham violentado o/a parceiro/a através de violência psicológica, 19% através da coerção sexual, 17% através do abuso físico sem sequelas e 3.8% pelo abuso físico com sequelas. Focando a vitimação, verificou-se que 50.8% já tinham sofrido violência psicológica, 25.6% foram sujeitos/as a coerção sexual, 15.4% sofreu de abuso físico sem sequelas e 3.8% abuso físico com sequelas.

Já Ribeiro e Sani (2008) desenvolveram um estudo com 227 estudantes universitários/as do Porto. Verificaram que 52% dos/as estudantes já tinham adotado condutas violentas no contexto de intimidade pelo menos uma vez, e 42% já foram vítimas de pelo menos um ato abusivo. Neste estudo, verificou-se também 0.9% já forçou o/a parceiro/a a ter relações sexuais e também 0.9% foi vítima desse comportamento.

Em 2012, Martins desenvolveu dois estudos com estudantes do ensino superior. No primeiro estudo, realizado com uma amostra de 1000 estudantes universitários/as com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, surgiram valores elevados de violência sexual. Após a sua entrada no ensino superior 17% dos/as participantes revelam ter sofrido pelo menos um comportamento sexual não desejado, sendo a maioria do sexo feminino. Estes comportamentos envolveram toques sexuais indesejados (87%), coerção sexual (29%), tentativa de violação (14%) e violação (13%). Em 29% dos casos, a violência sexual foi perpetrada por um/a namorado/a, e em 11% por um/a ex-namorado/a.

O segundo estudo realizado por Martins (2012) teve uma amostra de 1366 estudantes do ensino superior. Cerca de 24% dos/as estudantes revelaram ter sofrido algum ato de violência sexual, desde toques sexuais indesejados (64%), coerção sexual (32%), tentativa violação (31%) e violação (31%). Para o efeito, as vítimas afirmam ter sido utilizada coerção sexual sob forma de pressão psicológica (47%), pressão verbal constante (39%), ameaças de uso de força física (10%) e ameaça de uso de armas (9%). Cerca de 33% destes atos foram realizados por namorados/as e 11% por ex-namorados/as.

De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2016), 7.4% das vítimas registadas em atendimentos frequentavam o ensino superior.

É, ainda, imprescindível mencionar o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário desenvolvido pela Associação Plano i, que abarcou uma amostra de 1833 estudantes universitários/as com uma média de 23 anos de idade (Neves, Correia, Ferreira & Borges, 2018). Concluiu-se que da totalidade da amostra, 56.5% dos/as participantes já tinham sido vítimas de pelo menos um ato de violência nas

suas relações de namoro, e 36.6% já teriam praticado pelo menos um ato de violência. Relativamente à violência sexual, cerca de 7.2% das mulheres e 2.4% dos homens já teriam sido forçados/as a ter comportamentos sexuais não desejados, abarcando comportamentos como ver pornografia, fazer sexo oral, fazer sexo anal ou ter relações sexuais com outras pessoas. Relativamente à divulgação sem consentimento de imagens ou vídeos pessoais de cariz sexual, 1.9% das participantes e 0.7% dos participantes já teriam sido vítimas, sendo que 0.7% dos rapazes admitiram tê-lo praticado. Por último, 6.3% das inquiridas e 2.1% dos inquiridos já foram forçadas/os a ter relações sexuais, onde 1.4% dos homens admitiram já terem perpetrado.

Recentemente, as autoras Neves, Correia, Torres, Borges, Silva e Topa (2018) divulgaram os resultados do Programa UNi+ - Programa de prevenção da violência no namoro em contexto universitário - promovido pela Associação Plano i e financiado pela Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade, cujos/as participantes foram 609 estudantes universitários/as da zona norte do país com uma idade média de 23 anos. Concluiu-se que os rapazes são mais conservadores em termos de género, sendo também mais abusivos do que as raparigas. Relativamente à vitimação sexual, 8.4% das mulheres e 2.3% dos homens foram forçados a ter relações sexuais em contexto de intimidade, e 2.3% das mulheres teve *sexts* divulgadas. Neste estudo foi notória a reciprocidade da violência, embora a violência contra a mulher seja mais expressiva em qualquer uma das tipologias, apresentando as raparigas uma probabilidade três vezes superior a serem vítimas de violência sexual, e cinco vezes superior noutras práticas sexuais não desejadas.

Não se pode desconsiderar, mais uma vez, a percentagem de casos ocultados, sendo que a maior parte não denúncias no ensino superior surgem como consequência da reprodução de estereótipos de género (Mendes, Duarte, Araújo & Lopes, 2013).

6. Discursos Legitimadores da Violência na Intimidade

Os discursos que os/as jovens apresentam têm uma enorme influência nas condutas que adotam uma vez que, apesar de jovens, as crenças e os estereótipos já se encontram interiorizados (Magalhães, Pontadeira, Guerreiro & Ribeiro, 2016). De facto, os/as jovens tendem a apresentar um discurso de amor violento para sustentar a violência nas suas relações de intimidade (Dias, Manita, Gonçalves & Machado, 2013).

Os/As jovens tendem a desvalorizar os primeiros sinais de violência quando se encontram em relações íntimas (Nelas, Chaves, Coutinho, Cruz & Amaral, 2016). Frequentemente, só se apercebem que estão numa relação violenta se existir violência

física, não se apercebendo dos outros tipos de violência e da sua escalada, recorrendo frequentemente à regra da “primeira vez” (Hernando, 2007; Toscano, 2007). Embora reconheçam os diferentes tipos de violência, muitas vezes existe uma restrição ao que é físico desvalorizando a violência psicológica (Moreno-Manso, Blázquez-Alonso, García-Baamonde, Guerrero- Barona & Pozueco-Romero, 2014). De facto, existe uma legitimação de formas de violência “menores” nos seus discursos, como insultos, difamação, humilhação e ameaças (Machado, Macieira & Carreiras, 2010).

Para além disso, muitos dos acontecimentos são vistos como brincadeiras ou atos de preocupação, como é o caso do *stalking* (Carter-Snell, 2015). Igualmente, o *sexting* parece ser legitimado e faz parte de uma relação de confiança para os/as jovens (Forte, Castro, Neves & Ruído, 2018). O mesmo acontece com os ciúmes, que são encarados como atos de romance (Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013). Também a partilha de *passwords* das redes sociais e controlar a forma de vestir do/a parceiro/a não são considerados atos violentos (Magalhães, Pontadeira, Guerreiro & Ribeiro, 2016).

Frequentemente surgem discursos associados ao sacrifício, à prova de amor e esperança de mudança, potenciadoras de um pensamento de luta e conquista (Makepeace, 1981; Pereira, 2015). Ou seja, a permanência na relação é sustentada por um pensamento de “no amor vale tudo”. Surge, assim, a ideia de que o amor pode mudar os/as agressores/as, e que o investimento na relação irá cessar os conflitos (Jackson, 2008; Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013). Isto é especialmente visível em situações em que o/a agressor/a pede desculpas ou se mostra arrependido/a, de acordo com Caridade (2011), e situações em que se pode atribuir a violência ao descontrolo do/a agressor/a, principalmente se este/a estiver sobre a influência de álcool, ou quando a violência não deixa sequelas físicas. Para além disso, os/as jovens tendem a desvalorizar a violência perpetrada por mulheres (Dardis, Edwards, Kelley & Gidycz, 2015).

7. Intervenção e (Re)Educação

Tendo em conta as taxas alarmantes de vitimação e os discursos interiorizados pelos/as jovens, é imprescindível considerar o contexto universitário como privilegiado para a intervenção, nomeadamente a nível da violência sexual. De facto, têm sido vários os programas de prevenção da violência no namoro em contexto educacional. No entanto, embora a maioria dos programas apresente um efeito positivo, poucos são os que avaliam a eficácia a longo-prazo através do *follow-up*, focando-se apenas nas alterações logo após a intervenção (Edwards & Hinsz, 2014). A avaliação dos programas deve, então, ser

pensada a longo prazo, de forma a garantir mudanças transversais no tempo.

A nível do contexto universitário, a psicoeducação é essencial (Dardis, Edwards, Kelley & Gidycz, 2015), atuando ao nível de crenças já interiorizadas e desenvolvimento de competências, no sentido da igualdade de género e relações positivas (Murta, Santos, Nobre, Araújo, Miranda, Rodrigues & Franco, 2013). Exemplo disto é a aprendizagem socioemocional (*Social Emotional Learning*), que promove competências sociais e emocionais como o reconhecimento emocional, comunicação eficaz, relações saudáveis, desenvolvimento de empatia e resolução de conflitos de forma positiva (Niolon, Kearns, Dills, Rambo, Irving, Armstead & Gillbert, 2017). Para além disso, é essencial incorporar nos programas uma componente de educação sexual, sendo esta um recurso vital para um desenvolvimento saudável a nível das relações de intimidade e da saúde sexual e reprodutiva (Grose, Grabe & Kohfeldt, 2014). Igualmente, é necessário que os/as jovens consigam identificar e intervir em relacionamentos abusivos (Caridade, 2018).

Adicionalmente, a forma como os programas são desenvolvidos deve ser tido em conta. Estes devem utilizar as tecnologias de informação e comunicação para chegar a um elevado número de pessoas (Rodríguez-Castro, Alonso-Ruido, González-Fernández, Lameiras-Fernández & Carrera-Fernández, 2017). Paralelamente, é importante desconstruir os discursos e reconstruir crenças presentes nos/as estudantes relativamente às relações de intimidade (Dias, Manita, Gonçalves & Machado, 2013). Por último, todo o ambiente educacional deve ser afetado por estas intervenções, incentivando à criação de regras e políticas baseadas na igualdade e não violência (Moyano, Monge & Sierra, 2017). De facto, os programas não devem deixar de incluir a formação de professores/as, familiares e de agentes educativos/as (Center for Disease Control and Prevention, 2016). Desta forma, é essencial que se crie uma cultura de tolerância zero à violência, apostando numa abordagem plurimetodológica e pluricontextual (Neves, 2014b).

Apresentando Portugal taxas de perpetração de 25% de violência em relações de intimidade em contexto universitário (Machado, Caridade & Martins, 2010), é essencial não só intervir, mas também desenvolver estudos na área (Niolon, Kearns, Dills, Rambo, Irving, Armstead & Gillbert, 2017). Investigações já têm vindo a ser feitas, no entanto a sua maioria pretende quantificar o fenómeno mais do que compreendê-lo (Neves, Pereira & Torres, 2018). Desta forma, justifica-se o aumento do número de estudos em contexto universitário, a nível dos discursos que sustentam assimetrias de género, desigualdades relacionais e as diferentes formas como os/as estudantes concetualizam a intimidade (Dias, Machado, Gonçalves & Manita, 2014; Machado, Macieira & Carreiras, 2010).

Parte II – Metodologia

1. Introdução

No seguimento do enquadramento teórico anteriormente apresentado, surge o segundo capítulo, referente à metodologia da presente investigação. Primeiramente, será elaborado o problema de investigação e a pergunta de partida, seguidos do objetivo geral e dos objetivos específicos. Posteriormente, serão caracterizados/as os/as participantes e o contexto de aplicação. Será, igualmente, explanada a técnica de recolha de dados, os procedimentos realizados e as técnicas de tratamento e análise dos dados. Por fim, será feita uma descrição dos resultados obtidos e a discussão acerca dos mesmos.

2. Problema de Investigação e Pergunta de Partida

A presente investigação pretende servir de complemento aos vários estudos realizados na área da violência no namoro em Portugal, especificamente aos que relatam uma prevalência significativa de violência sexual em relações de intimidade em estudantes universitários/as. A investigação da violência no namoro foca-se em três domínios: a caracterização da sua dimensão, prevalência e tipos de abuso; o estudo de fatores de risco; e a promoção e implementação de programas de prevenção e intervenção com jovens (Caridade e Machado, 2013). No entanto, podemos afirmar que a violência sexual se encontra sub-reportada nos estudos até agora desenvolvidos. Serve, a presente investigação, como forma de desocultação do fenómeno em contexto universitário.

No seguimento do problema de investigação anteriormente referido, foi elaborada uma pergunta de partida: “Como se caracterizam os discursos e práticas sobre violência sexual em relações íntimas de estudantes universitários/as, a partir dos seus próprios discursos?”

3. Objetivo Geral e Objetivos Específicos

O objetivo geral desta investigação é caracterizar, através dos próprios discursos de jovens universitários/as, as suas relações de intimidade, bem como possíveis práticas e dinâmicas associadas à violência sexual que nelas possam surgir.

Relativamente aos objetivos específicos, podem ser apontados: a) Identificar as perceções associadas aos papéis de género; b) Compreender as crenças que regulam as relações de intimidade dos/das jovens; c) Caracterizar a natureza e frequência dos vários tipos de violência no namoro; d) Explorar os comportamentos de violência sexual à luz de uma perspetiva de género; e) Compreender as teorias explicativas da violência no

namoro, especificamente a violência sexual.

4. Caracterização dos/das Participantes e Contexto de Aplicação

De forma a definir a amostra, foram estabelecidos alguns critérios de inclusão: 1) ser estudante universitário/a; 2) frequentar a licenciaturas em Psicologia ou em Educação Física e Desporto; 3) compreender e falar a língua portuguesa; e 4) não apresentar défice cognitivo.

A investigação decorreu numa Universidade privada do norte do País. Nesta, participaram 52 alunos/as dos primeiros anos das Licenciaturas em Psicologia e em Educação Física e Desporto, 29 (55.8%) do sexo feminino e 23 (44.2%) do sexo masculino, com uma média de idades de 20.67 anos (DP = 5.551), dos 18 aos 47 anos. Dos/as 25 (48.1%) participantes da Licenciatura em Psicologia, 20 (69%) eram do sexo feminino e 5 (21.7%) do sexo masculino. Da Licenciatura em Educação Física e Desporto participaram 27 (51.9%) alunos/as, sendo que 18 (78.3%) eram do sexo masculino e 9 (31%) do sexo feminino. Foram dinamizados seis *focus group*, três com alunos/as de Psicologia, dois grupos femininos e um misto; e três com alunos/as de Educação Física e Desporto, dois grupos mistos e um masculino.

Tabela 1

Participantes por sexo e por licenciatura frequentada

	Feminino		Masculino	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Psicologia	20	69%	5	21.7%
Educação física e Desporto	9	31%	18	78.3%
Total	29	100%	23	100%

Da totalidade dos/as participantes, 51 eram de nacionalidade portuguesa (98.1%), e 1 de nacionalidade brasileira (1.9%). Relativamente ao estado civil, 50 (96.2%) eram solteiros, 1 (1.9%) é casado e 1 (1.9%) é divorciado. A maioria dos/as alunos/as foram estudantes (75%), sendo que 13 (25%) eram trabalhadores estudantes. No que respeita à orientação sexual, 51 (98.1%) eram heterossexuais e 1 (1.9%) era lésbica.

Quando questionados/as acerca das suas relações passadas, 50 (96.2%) dos/as participantes afirmaram já ter estado em algum tipo de relação íntima, enquanto que 2 (3.8%) nunca estiveram. Dos/as que já tiveram algum tipo de relação, 31 (59.6%)

identificaram-na com namoro, 18 (34.6%) identificaram vários tipos de relação íntima e 1 (1.9%) considerou-a uma relação de “andar”. Daqueles/as que já tinham namorado, 30.8% afirmaram ter namorado mais de dois anos, 25% de um a dois anos, 19.2% de seis meses a um ano e 5.8% menos de seis meses.

No que respeita às suas relações atuais, 31 (59.6%) afirmaram estar numa relação íntima no momento em que preencheram o questionário, 16 rapazes e 15 raparigas; e 21 (40.4%) afirmaram não estar em nenhum tipo de relação íntima no momento do preenchimento do questionário, onde 14 são raparigas e 7 rapazes. Relativamente ao tipo de relação em que se encontravam, 26 (50%) identificaram-a como um namoro (14 raparigas e 12 rapazes), 1 (1.9%) como um casamento, 3 (5.8%) rapazes como “andar” e 1 (1.9%) rapariga como “curtir”. Dos/as que namoram, 26.9% afirmam que a relação dura mais de dois anos, 15.4% menos de seis meses, 9.6% seis meses a um ano e 7.7% um ano a dois anos. Os/As parceiros/as tinham uma média de idade de 22 anos (DP = 6.730), 17 (32.7%) eram do sexo feminino e 14 (26.9%) do sexo masculino; e 19 (55.8%) apresentavam nacionalidade portuguesa, 1 (1.9%) australiana e também 1 (1.9%) brasileira.

5. Técnica de Recolha de Dados

Os dados da presente investigação foram recolhidos através da dinamização de *focus group*. Estes são uma técnica de recolha de dados de orientação naturalística (Krueger & Casey, 2000), frequentemente utilizada na área das ciências sociais e da educação, no sentido da exploração de uma temática particular, dando acesso a conceitos, crenças e valores, e permitindo a construção (e reconstrução) de significados (Caridade & Machado, 2013; Ressel, Beck, Gualda, Hoffmann, Silva & Sehnem, 2008). Ou seja, os *focus group* funcionam como grupos de discussão semiestruturados, conduzidos por um/a moderador/a, com o objetivo de promover a partilha e interação entre os membros do grupo, de forma a obter *insights* profundos orientados para uma temática específica (Masadeh, 2012; Neves & Torres, 2015). Desta forma, é possível compreender a transformação da realidade com base nas experiências de cada um/a (Kinalski, Paula, Padoin, Neves, Kleinubing & Cortes, 2017; Murta, Santos, Nobre, Araújo, Miranda, Rodrigues & Franco, 2013). Neste sentido, os/as investigadores/as conseguem aceder não só a conteúdos objetivos, mas também a subjetivos, fomentando uma interpretação holística do fenómeno em estudo, identificando narrativas sociais e culturais inerentes aos discursos (Krueger & Casey, 2000; Neves & Torres, 2015).

Assim, foram privilegiados os *focus group* de forma a aceder experiências e discursos acerca da violência sexual no namoro em estudantes universitários/as. Estes grupos são dinamizados por um/a moderador/a, que utiliza um guião de entrevista para orientar a discussão e facilitar a partilha de ideias (Galego & Gomes, 2005). Neste seguimento, e de forma a conduzir os grupos, foi elaborado um guião de entrevista com 6 questões abertas (cf. anexo 2). Igualmente, foi utilizada uma ficha de organização dos *focus group* (cf. anexo 3), onde eram colocados os números correspondentes a cada participante, o sexo e a sua área de estudo, bem como o local de realização do grupo, o/a observador/a e o/a dinamizador/a.

Para além disso, e de forma a caracterizar os/as participantes dos vários grupos, foi administrada uma ficha sociodemográfica (cf. anexo 4). Esta encontra-se dividida em três partes: dados do/a participante, relações íntimas passadas e relações íntimas atuais. Na parte inicial, pede-se que o/a participante indique a sua idade, sexo/identidade de género, nacionalidade, estado civil, licenciatura que frequenta (especificando se é estudante ou trabalhador/a estudante) e orientação sexual. Na segunda solicita-se que identifiquem se já tiveram alguma relação de intimidade passada, o tipo de relação (namorar, andar e/ou curtir) e a duração da relação se esta for de namoro (menos de seis meses, de seis meses a um ano, mais de um ano, ou mais de dois anos). Na última parte, é esperado que os/as participantes refiram se se encontram, no momento do preenchimento do questionário, numa relação íntima, o tipo de relação (namorar, andar e/ou curtir), a duração da relação se esta for de namoro (menos de seis meses, de seis meses a um ano, mais de um ano, ou mais de dois anos), e informação relativa ao/à parceiro/a atual (idade, sexo/identidade de género e nacionalidade).

6. Procedimentos

Num primeiro momento, foi estabelecido o contacto com a Direção da universidade de forma a obter autorização para realizar o estudo. Após obter o parecer favorável, foram contactados os/as coordenadores/as das licenciaturas de Psicologia e de Educação Física e Desporto, solicitando as suas autorizações para divulgar o estudo presencialmente nas turmas. Uma vez obtida a autorização, foram contactados/as professores/as, de forma a pedir a sua colaboração, cedendo 10 minutos no início de cada aula. Durante a divulgação, foram explanados os objetivos da investigação, a metodologia a ser utilizada, bem como questões relacionadas com o anonimato e confidencialidade. Foi distribuída pelas turmas uma folha de inscrição de forma a que os/as alunos/as que

quisessem participar pudessem deixar o seu nome e contacto, tendo sido constituídos seis grupos. De modo a marcar a data e hora de cada grupo, foram contactados os/as participantes.

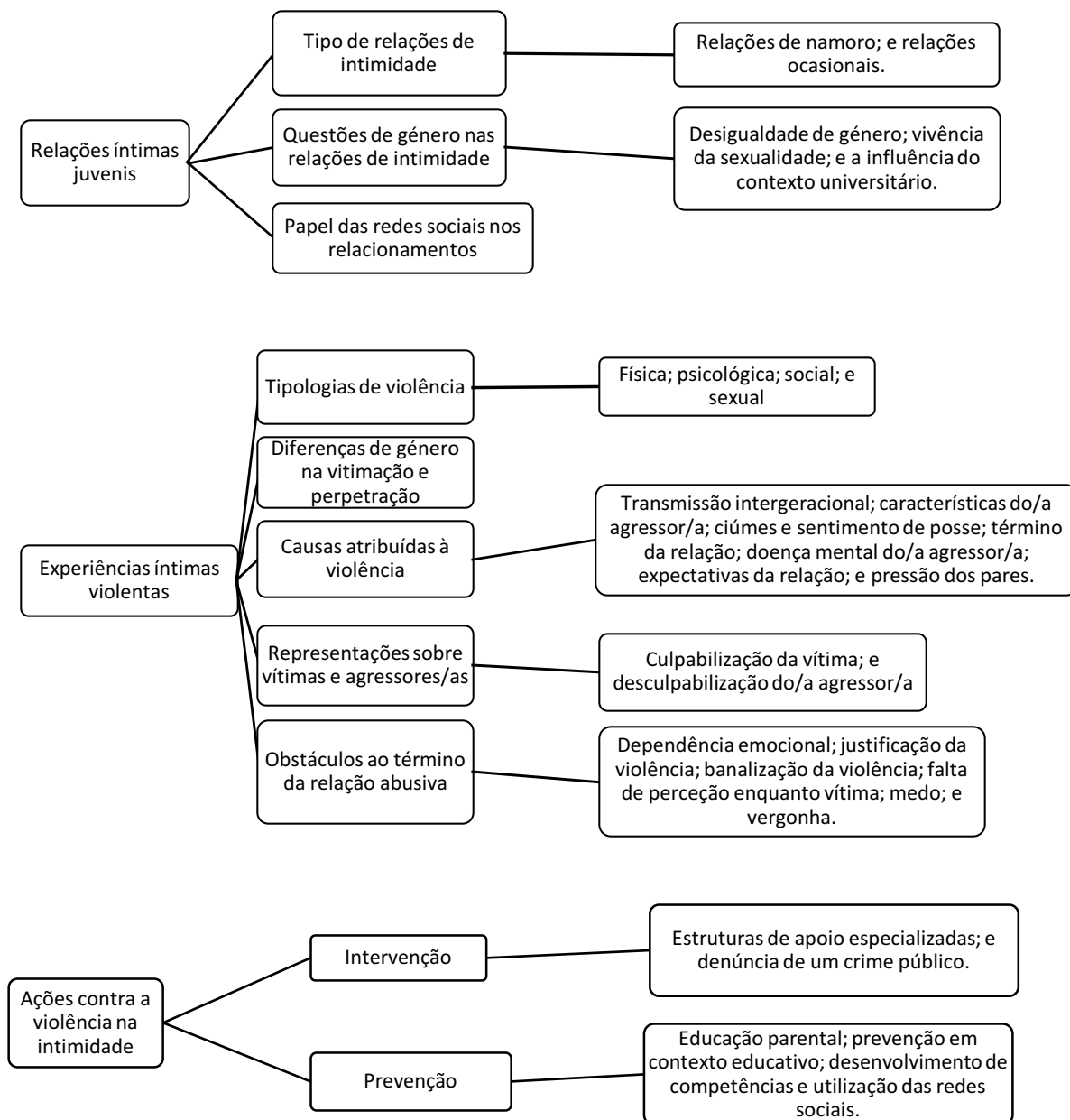
Durante o período de recolha de dados, que se iniciou em janeiro de 2018 e terminou em março de 2018, foram dinamizados os 6 grupos na universidade em questão, ficando este processo a cargo de duas pessoas, o/a dinamizador/a e o/a observador/a. No início de cada *focus group* foi novamente explicado o estudo e os seus objetivos, tendo sido entregue o consentimento informado (cf. anexo 5) que visava a participação livre e informada de todos/as os/as alunos/as, bem como as suas autorizações para proceder à gravação. Antes do início da gravação foi entregue a ficha sociodemográfica. Cada *focus group* teve a duração de 45 minutos a 60 minutos, tendo sido gravados em áudio e, posteriormente, transcritos para análise.

7. Técnica de Tratamento e Análise dos Dados

Os 6 *focus group* foram gravados e posteriormente sujeitos a uma transcrição integral. De forma a tratar e analisar os dados, foi utilizada a análise temática. A análise temática, frequentemente usada na Psicologia e outras Ciências Sociais, permite reconhecer, examinar e relatar padrões ou temas presentes nos dados de forma a organizá-los e descrevê-los pormenorizadamente, permitindo aceder aos significados e experiências dos/as participantes (Brooks, McCluskey, Turley & King, 2015; Ribeiro 1999). Este é um método de identificação e análise de padrões ou temas, organizando e descrevendo detalhadamente os dados recolhidos (Braun & Clarke, 2006). Para isto, são percorridas algumas etapas, de acordo com Campos (2004). Em primeiro lugar, através da transcrição e leitura das entrevistas, existe uma familiarização com os dados. A partir daqui, são gerados os códigos iniciais, de acordo com os aspetos e/ou padrões mais relevantes ou frequentes. Posteriormente, é criada uma relação entre os códigos de forma a elaborar temas, bem como a diferenciação entre si. Por último, depois de definidos e nomeados os temas, estes são alvo de descrição individual, e serão relacionados entre si, gerando possíveis subtemas.

Na presente investigação, as categorias foram definidas *a posteriori*, sendo o corpus de análise constituído pelas transcrições dos 6 *focus group* realizados. A categorização foi realizada por 2 pessoas, de forma independente, sendo depois revista em conjunto, de forma a elaborar o esquema final de categorização (figura 1).

Figura 1
Esquema final de categorização dos resultados



8. Resultados

Os resultados obtidos serão, de seguida, apresentados em função das categorias centrais definidas. A primeira categoria, diz respeito **às relações íntimas juvenis**, englobando os tipos de relações íntimas, neste caso as relações de namoro e as relações ocasionais; as questões de género relacionadas com relações de intimidade, nomeadamente a nível da desigualdade de género, da vivência da sexualidade e a influência do contexto universitário; e o papel das redes sociais nas relações íntimas.

A segunda categoria, **experiências íntimas violentas**, engloba as tipologias da violência (física, psicológica, social e sexual), bem como as diferenças de gênero a nível da vitimação e perpetração da violência; as causas atribuídas à violência (transmissão intergeracional da violência, características do/a agressor/a, ciúmes e sentimento de posse, término da relação, doença mental do/a agressor/a, expectativas acerca da relação e pressão dos pares); as representações sobre vítimas e os/as agressores/as, através da culpabilização da vítima e desculpabilização do/a agressor/a; e os obstáculos ao término da relação, como a dependência emocional, a justificação da violência, a banalização da violência, a falta de percepção enquanto vítima, o medo e a vergonha.

Por fim, a terceira categoria, foca-se sobre **as ações contra a violência no namoro**, abarcando a intervenção, como as estruturas de apoio e a denúncia de um crime público; e a prevenção, que inclui a educação parental, a educação formal (na escola e universidade), o desenvolvimento de competências e a utilização de redes sociais.

Como forma de suportar os resultados, ao longo da sua descrição, irão ser apresentados alguns excertos das transcrições, seguidas do número do grupo e a inicial da sua tipologia, misto (Mi), feminino (F) ou masculino (M); a inicial do curso que frequenta e, no caso dos grupos mistos, a inicial do sexo do/a respetivo/a participante.

8.1. Relações Íntimas Juvenis

8.1.1. Tipo de Relações de Intimidade

8.1.1.1. Relações de Namoro

Ao longo dos discursos dos/as jovens universitários/as, as relações íntimas assumem um papel central. Estes/as identificaram as relações de namoro e as relações ocasionais. Os/As jovens referiram uma série de valores que devem servir de base para as relações de namoro, como é o caso da amizade, confiança, respeito e o sentimento mútuo. Principalmente as raparigas, acreditam que deve existir investimento ao longo da relação. Este tipo de relações são mais duradouras e envolvem um compromisso sério.

“É necessário trabalhar, é necessário acima de tudo, para além de gostar e acima de tudo é preciso confiar na pessoa e tornar a relação o mais estável possível para continuar.” 5FP.

“Um dos fatores que determina uma relação é o respeito e também o assumir de um compromisso.” 2MiPM.

De acordo com os relatos dos/as jovens, a maioria acredita que mulheres e homens experienciam estas relações de forma distinta. Referem que a relação de namoro assume uma maior importância para as mulheres, e que estas são mais emocionais e sensíveis,

prestando maior atenção aos detalhes. Contrariamente, os rapazes parecem dar mais importância à atividade sexual associada ao namoro.

“Eu acho que é um clichê, mas tem a sua razão, as mulheres são mais sentimentais e emocionais e os homens ligam mais à sexualidade e prazer físico. Até pode ter sido inculcado socialmente, porque foi, mas a verdade é que vivem desde relações até ao sexo de forma diferente.” 2MiPF.

“A rapariga tem uma visão do que quer do rapaz, romance e assim, e o rapaz tem outra, a atividade sexual.” 2MiPF.

No entanto, referem que cada vez mais as relações de namoro são banalizadas e desvalorizadas, de duração mais breve, e que tendem a começar como uma relação ocasional e só depois evoluiu para algo mais sério.

8.1.1.2. Relações Ocasionais

No que respeita às relações ocasionais, os/as alunos/as acreditam que estas são relações fugazes baseadas meramente na atração física. Para além disso, mencionam que atualmente, tanto rapazes como raparigas, se envolvem neste tipo de relações, embora tendencialmente estas se associem mais ao sexo masculino.

“Não há atração psicológica nem há conhecimento suficiente para, se calhar é mais uma noção física, uma situação momentânea...” 1FP.

“Dantes isso parecia mais típico dos rapazes, eles não queriam tanto saber e cada vez mais vê-se as raparigas a serem assim.” 5FP.

No entanto, as raparigas alertam para o perigo destas relações, associado ao desconhecimento do/a parceira, principalmente a nível da transmissão de infeções sexualmente transmissíveis e da gravidez não desejada.

“E muitas das pessoas nem conhecem a pessoa com quem estão, não sabem nada, o que torna isto tudo muito perigoso...” 5FP.

8.1.2 Questões de Género nas Relações de Intimidade

8.1.2.1. Desigualdade de Género

Emergiram, nos discursos dos/as participantes, várias questões relacionadas com o género. Tendencialmente, os rapazes consideraram que existe igualdade de direitos, enquanto as raparigas discordaram, referindo que as mulheres continuam a ser prejudicadas comparativamente aos homens. Neste sentido, ambos os sexos mencionaram que o feminismo é algo que foi levado ao exagero, uma vez que ao eliminar a opressão feminina, levou a que estas aderissem à lógica da libertinagem.

“Sim, não me venham com aquela tanga que os homens e as mulheres não têm direitos iguais. Os

homens têm direitos iguais, agora, os direitos não são praticados igualmente.” 6MD.

“É o meu direito de ter tanta oportunidade como tu e não ser posta de parte por ser rapariga.” 6MiDF.

“O feminismo antes era um feminismo bom e passou a um feminismo radical e estúpido com liberdade total.” 6MD.

Embora considerassem que não existe desigualdade a nível dos direitos, os/as alunos/as apresentam um discurso contraditório relativamente às relações de intimidade, defendendo que existe um maior poder por parte dos homens, e que as mulheres assumem uma posição mais submissa.

“Eu penso que ainda há uma mentalidade muito retrógrada, mesmo na nossa idade. As pessoas mais novas continuam a pensar que o homem tem um poder superior à mulher e que a mulher tem prioridades diferentes, e que tem de fazer as coisas de outra forma que não é igual” 1FP.

“Existe mais poder de um lado, mas eu acredito plenamente que devia ser uma relação de iguais.” 2MiPM.

“Os homens precisam de se sentir em controlo da relação por causa da sua masculinidade, foi-lhes socialmente imposto.” 2MiPF.

8.1.2.2. Vivência da Sexualidade

Os discursos dos/das alunos/as focaram-se, também, nas questões relacionadas com a sexualidade. Referem que a sexualidade é uma vivência que difere consoante o sexo, devido a questões biológicas e sociais. Para além disso, acreditam que as relações sexuais são algo que faz parte das relações de intimidade, e que, por vezes, pesam mais do que os afetos.

“A questão sexualidade ser vivida de forma diferente de homem para mulher... mesmo questões sociais, falaste em biológicas, mas há sociais. É diferente.” 6MiDF.

Neste seguimento, referem a influência dos papéis de género na vivência da sexualidade, nomeadamente a nível da dualidade da vivência sexual, em que é esperado que as raparigas se preservem e sejam submissas, e que os rapazes iniciem a atividade sexual o mais cedo possível, enaltecendo a sua masculinidade. Por outro lado, raparigas que exploram a sua sexualidade são vistas como promíscuas e são alvo de crítica.

“Os rapazes são incentivados logo desde pequeninos a iniciar a sexualidade, enquanto as raparigas é preservar a sexualidade.” 3MD.

“Mas depois há aqui a dupla conotação de que se ela é uma rapariga e anda aí na noite a comer gajos, é vadia, se for o gajo é garanhão, é o macho.” 3MD.

8.1.2.3. Influência do Contexto Universitário

A experiência da entrada no contexto universitário é mencionada como um fator que influencia a forma como os/as alunos/as experienciam as relações de namoro. Alguns/Algumas participantes estabelecem uma associação entre a vida universitária e o ser-se solteiro/a, desvalorizando as relações que envolvem sentimentos.

“O que sinto desde que entrei para a faculdade é que mostrar amor é fraqueza.” 2MiPF.

“Vida de faculdade é para ser solteiro, supostamente.” 2MiPM

Também a questão da praxe como uma atividade acadêmica que potencia a desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres, devido às hierarquias estabelecidas, onde apenas os elementos do sexo masculino podem assumir estatutos superiores, sendo a violência psicológica e sexual normalizada.

“Chega-se à praxe e ter namorado ou namorada não é bem visto, porque a cultura das festas não permite que isso seja possível. O que interessa é sair à noite e comer a gaja mais boa e levá-la para a cama, então se for uma doutora, perfeito. E os doutores comem as caloiras na noite porque têm poder sobre elas e elas têm medo. É machismo puro. O homem tem um estatuto social superior.” 2MiPF.

8.1.3 O papel das Redes Sociais nos Relacionamentos

No que respeita às redes sociais, os/as participantes mencionaram que cada vez mais estas estão presentes no quotidiano dos/as jovens, influenciando as suas relações de intimidade. Enumeram como redes sociais mais influentes o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *Snapchat* e o *Tinder*. Relativamente às relações de namoro, referem que as redes sociais são utilizadas como estratégias de iniciação e de cortejo, permitindo o contacto fácil para pessoas mais tímidas. O *cyberdating* também foi considerado como uma consequência da utilização crescente de redes sociais. No entanto, foram mencionados os perigos de conhecer uma pessoa pelas redes sociais, e das consequências que isso pode acarretar, nomeadamente não se conhecer a pessoa e também utilizar estes meios como forma de violentar o/a parceiro/a. Isto é assumido pelos/as alunos/as como algo problemático, nomeadamente a nível do controlo e da partilha de *nudes* em grupos criados nas redes sociais apenas para esse efeito.

“Olha as redes sociais, agora no namoro. Eu acho que mais do que nunca as redes sociais falam mais alto.” 3MD.

“Porque conhecemos aquela pessoa como ela nos quis fazer conhecer. Ao vivo podemos notar características que sabemos que podem levar a complicações num namoro.” 5FP.

8.2. Experiências Íntimas Violentas

8.2.1. Tipologias de Violência

A maioria dos/as participantes considera que existem vários episódios de violência no namoro nas relações dos/as jovens, a nível físico, psicológico, social e/ou sexual. Os/As jovens referem nos seus discursos a escalada da violência ao longo da relação de namoro e o recurso a múltiplas formas de violência.

8.2.1.1. Violência Física

Apesar da violência física ter sido a primeira tipologia a ser referida pelos/as jovens, estes/as não acreditam que seja a mais praticada. No entanto, estão conscientes das graves consequências que tem nas vítimas.

“Mas mesmo assim eu acho que hoje em dia a física tem diminuído. Tem é aumentado o outro tipo de violência.” 4MiDM.

“Ele pegou na minha cabeça e mandou-me contra a parede. Eu fiquei com um galo, fiquei com marcas nos braços. Tive de ir ao hospital.” 6MiDF.

8.2.1.2. Violência Psicológica

A violência psicológica foi também facilmente identificada pelos/as participantes, sendo que estes/as defendem que, por não deixar marcas físicas, é a mais difícil de provar. Como formas mais usuais, foram identificados os insultos, o baixar a autoestima, a humilhação, a culpabilização, o ciúme, a chantagem, o causar medo e o *ghosting*.

“De rejeitar um pouco a pessoa, de quase o fazer sentir cada vez mais inseguro, baixar a autoestima... em vez de fazer o contrário, o fazer sentir bem, fazer a pessoa sentir-se capaz. Passa a sentir-se incapaz.” 1FP.

Uma das tipologias de violência muito mencionada foi o ciúme. No entanto, para estes/as jovens existe um ciúme doentio e um ciúme saudável, defendendo a lógica de que ter ciúme é normal quando se gosta de alguém. Este corresponde a uma prova de amor entre os casais. Também referem que algumas pessoas provocam ciúmes de forma a ver a reação do/a parceiro/a.

“Eu acho que cada vez mais, raparigas e rapazes da nossa idade aceitam o ciúme como uma forma de carinho.” 5FP.

“Mas a maior parte manda aqueles ciúmes de propósito para ver como a outra pessoa reage.” 6MiDM.

Igualmente, a chantagem e o medo são utilizados nos relacionamentos abusivos, de forma a obter alguma coisa do outro membro do casal. Isto acontece frequentemente

quanto um dos elementos tenta terminar a relação.

“E depois põe-se a dizer “se acabares comigo ninguém te vai aguentar, ninguém vai aturar as tuas coisas, ninguém vai fazer por ti o que eu faço”, isso pesa.” 6MiDF.

“...e o simples dizer “não”, que não queria ir a um sítio específico que não gosto, aquilo pode rebentar tudo e arruinar uma relação.” 2MiPM.

Por último, a questão do *ghosting* foi mencionada como uma prática comum ao longo das discussões entre os casais.

“A questão de, por exemplo, um ou outro elemento deixar de responder, ignorar completamente a outra pessoa, desaparecer do mapa totalmente, só para o outro ficar passado...” 6MiDF.

8.2.1.3. Violência Social

No que respeita à violência social, os/as participantes identificaram o isolamento, a perseguição e o controlo. Relativamente ao isolamento, estavam conscientes de que esta é uma técnica utilizada pelos/as agressores/as para restringir o contacto social da vítima, diminuindo a probabilidade de alguém testemunhar a violência.

“No fim de uma relação estão quase sempre sozinhos. Porque a namorada ou o namorado foi afastando. Ou não gostava deste amigo, ou não gostava daquela amiga... só queriam passar tempo juntos e gradualmente vão perdendo toda a gente. Depois claro, quando acabam estão sozinhos. E se houver problemas mais graves tipo... tipo violência mesmo, depois ninguém se apercebe porque já não se dão.” 6MiDF.

Neste seguimento, a perseguição foi nomeada como uma forma muito comum de violência, sendo um produto da desconfiança do/a parceiro/a. Este tipo de violência social encontra-se ligada principalmente ao término da relação e ao ciúme.

“Deixam chamadas e mensagens, contactam por todas as vias, aparecem em locais onde ela estuda a perguntar por ela...” 2MiPF.

O controlo foi uma das formas de violência mais mencionadas e debatidas entre os/as jovens, sendo visto como uma forma de preocupação. Este passa principalmente pelas redes sociais, pelas amizades e pela roupa. O controlo das redes sociais passa pela aquisição das senhas de acesso das redes sociais, por monitorizar a atividade realizada nas mesmas, e por controlar as conversas que têm nas mesmas.

“É a mesma coisa com a troca de passwords do facebook e do instagram, que é, se não tens nada a esconder, dá-me as tuas passwords.” 3MD.

“Ver o telemóvel da outra pessoa sem que ela saiba, mensagens e chamadas...” 6MiDM.

Também identificaram que o controlo da roupa e da maquilhagem, principalmente no sexo feminino, é extremamente frequente.

“Do gênero, ah, ficam-te melhor aquelas calças do que essa saia.” 6MiDF.

“Há muitas mulheres que nem se podem maquilhar, que os namorados não gostam.” 4MiDF.

O controle também se encontra associado à vida social da vítima, nomeadamente a nível das suas amizades e locais que frequenta.

“Se fosse sair com amigas minhas, já ia perguntar onde vou, com quem vou, com que roupa vou, a que horas chego...” 5FP.

“Ele esperava até eu sair para ele me ir buscar à porta da sala até ao carro do meu pai, para eu não ter hipótese de sair com nenhum rapaz da minha turma.” 6MiDF.

8.2.1.4. Violência Sexual

A violência sexual, de acordo com os discursos dos/as participantes, é uma das formas mais graves e invasivas de violência. Enumeram as relações sexuais e/ou preliminares forçados, insultos com conotação sexual, partilha de *nudes*, forçar a ter relações sexuais desprotegidas, e a chantagem no sentido de ter relações sexuais, com recurso a força física, ameaça ou insistência.

“Pode forçar fisicamente, e é violação, ou pode insistir e tentar dar a volta, que aí já é mais psicológico, mas sexual ao mesmo tempo.” 6MiDF.

“E muitos namorados forçam a rapariga a ter relações sexuais sem preservativo porque afinal de contas estão numa relação. É muito grave.” 5FP.

“Eu já estive a conversar com vários amigos meus que mencionaram que durante o relacionamento deles... que às vezes no início da relação, a mulher não queria ter relações sexuais e eles tiveram que... mencionaram uma coisa que é o “empurrão”, entre aspas. Empurrão no sentido em que ele fez o ato na mesma, independentemente de ela querer ou não.” 2MiPM.

Relativamente às *nudes*, afirmaram que estas surgiram no âmbito das redes sociais, e que, muitas vezes, os casais praticam a partilha destas imagens e vídeos com conotação sexual. No entanto, mencionaram, também, que muitas vezes as pessoas são manipuladas com fotografias anteriores para continuarem a mandar este tipo de conteúdos, com a ameaça de ser exposta/o. Este envio de fotografias de cariz sexual é, de acordo com os discursos dos/as jovens, aceitável apenas entre casais, principalmente em namoros à distância. Igualmente, referiram que as raparigas se devem salvaguardar e evitar colocar a sua cara nas fotografias. Existe, ainda segundo os/as jovens, a prática de filmar ou fotografar sem conhecimento do/a parceiro/a.

“Graças às redes sociais surgiram agora as nudes. A questão não é mandar as nudes, isso cada um faz o que quer. É usar as nudes como forma de ameaçar a outra pessoa e de a manipular para certos atos.” 6MiDF.

“E ainda há homens que querem filmar o ato sexual, por exemplo, e elas não querem, por isso filmam às escondidas.” 6MiDM.

Ao discutirem as questões relacionadas com a violência sexual, as raparigas referiram a necessidade de consentimento numa relação. No entanto, os rapazes acreditam que o consentimento está implícito numa relação de namoro.

“A partir do momento em que está sem possibilidade de dizer sim ou não, está a ser abusada.” G1PF.

“Na relação de namoro há consentimento já de base porque namoram.” 3MD.

Surgiu também o tópico da obrigatoriedade das relações sexuais. Embora a maior parte discorde que tenha de existir relação sexual para ser considerada uma relação de namoro, principalmente as raparigas referem sentir-se na obrigação de corresponder às vontades do/a parceiro/a. De igual forma, os rapazes tendem a defender que a partir de um certo ponto da relação é necessário existir relação sexual.

“A violência sexual quase que faz parte de uma relação, se formos a pensar. Porque há pessoas constantemente a ceder porque é suposto existir sexo numa relação.” 2MiPF.

“E quantas vezes não estamos cansadas ou simplesmente não queremos e a mão continua a subir a perna, e os beijos no pescoço, e nós não reagimos ou afastamos, e passado cinco minutos lá está tudo outra vez. Esta insistência cansa, e as raparigas acabam por fazer só para não ter que dizer que não, porque ele vai ficar chateado.” 5FP.

“Eu faço um bocado a associação entre a violência sexual e a submissão. Porque a mulher é muito mais submissa, e era muito mais obrigada rebaixar-se e satisfazer qualquer desejo do homem.” 2MiPM.

“A partir do momento que estás na relação e já estás com a pessoa e tens de forçar para ter relações sexuais, algo não está bem, termina-se. É isso que quero dizer, quando a relação já está avançada tem de existir.” 2MiPM.

8.2.2. Diferenças de Género na Vitimação e Perpetração

De uma forma geral, a nível da perpetração, os/as jovens referiram que as vítimas são mulheres, e que a violência praticada contra os homens não é vista de forma tão grave. Consideram, também, que o sexo feminino cada vez mais perpetra violência. Isto, de acordo com os/as participantes, é justificado pela necessidade de retaliação e de equiparação dos direitos.

“E vimos que cada vez mais equilibra, cada vez mais as raparigas fazem violência contra os rapazes.” 2MiPM.

“Acho que a sociedade tem esse estereótipo de que quem é o agressor a maior parte das vezes é o homem.” 5FP.

“Agora na minha idade, 18/19 anos, e principalmente na faculdade em que há uma maior consciência, já existem mulheres mais sensibilizadas que não permitem essa desigualdade.” 2MiPM.

“Por vezes também há violência por ambas as partes: o homem manda uma resposta mais agressiva e a mulher em vez de mandar uma resposta, manda-lhe um estalo.” 4MiDF.

Igualmente, vemos que, de uma forma geral, associaram mais a violência física e sexual perpetrada por homens, e violência psicológica como praticada por mulheres.

“O homem é mais forte a nível físico, por isso é mais afetado no psicológico. A mulher é mais forte a nível psicológico, por isso é mais afetada a nível físico.” 6MiDP.

“Acho que acontece muito mais (violência sexual) dos homens para as mulheres do que das mulheres para os homens.” 4MiDF.

No entanto, muitos/as referiram que o tipo de violência não difere consoante o sexo da pessoa, considerando que esta é bidirecional, principalmente a nível do controlo e dos ciúmes. Para além disso, defenderam que a violência sexual ocorre contra rapazes, mas que não é tão visível devido a pressões sociais associadas à masculinidade.

“Acho que a nível social sofrem e praticam ambos. O controlo dos amigos, das redes sociais, o ciúme e isso... é de parte a parte.” 6MiDF.

Embora tenham referido que existam mulheres a praticar violência física, estão conscientes de que existem diferenças em termos de gravidade das consequências.

“O que eu quero dizer é: o tipo de violência entre mulher-homem, não é o mesmo que existe em homem-mulher.” 4MiDM.

8.2.3. Causas atribuídas à Violência

Nos discursos dos/as jovens surgiram várias causas atribuídas à violência no namoro. Um dos fatores frequentemente associado à prática de violência em relações de intimidade é a transmissão intergeracional da violência, através do ensinamento de crenças e atitudes que a legitimam.

“Dependendo da experiência que a pessoa passou em família, ou do tipo de educação que teve, ou do tipo de coisas que vê também em casa e à sua volta, pode modificar um bocado os comportamentos depois no futuro.” 3MD.

Para além disso, os/as participantes acreditam que existem características pessoais por parte do/a agressor/a que influenciam o uso da violência, nomeadamente a impulsividade e agressividade, principalmente nos homens.

“A própria pessoa pode também ser mais agressiva ou não saber controlar-se e depois é mais fácil haver violência. Algumas características pessoais podem fazer isso.” 6MiDF.

Os ciúmes também emergiram nos discursos como a causa mais frequente de

violência no namoro, associados à questão do sentimento de posse da outra pessoa.

“Acho que também é o agressor sentir que a vítima é propriedade dele. És minha ou és meu, por isso faz o que quiser.” 1FP.

Também o término da relação de namoro foi apontado pelos/as participantes como uma causa frequente do uso de violência, numa lógica de retaliação.

“Acabaste comigo, então olha, as coisas vão correr mal.” 1FP.

Embora a maioria não tenha referido, algumas pessoas associaram a doença mental do/a agressor/a à prática de violência no namoro.

“Pode também ser doente da cabeça. Em alguns casos.” 4MiDF.

As expectativas que os/as jovens têm da relação de namoro surgiram também como uma causa atribuída à violência, principalmente nas raparigas.

“Acho que é também as ideias erradas e expectativas que temos das relações, que têm de ser isto ou aquilo, e depois quando não são as coisas correm mal.” 6MiDF.

A última causa atribuída à violência foi a pressão por parte dos pares. Os/as jovens referem que grupos de pares que sejam mais violentos tendem a transmitir a violência para as relações de namoro, principalmente nos elementos do sexo masculino. Também mencionam a transmissão de valores entre os membros do grupo.

“Aí os amigos influenciam muito na questão da agressividade. E os rapazes estão em desvantagem. Grupos de rapazes, basta um ser agressivo que todos vão atrás.” 4MiDF.

8.2.4. Representações acerca da Vítima e do/a Agressor/a

Ao longo das entrevistas, emergiram discursos de culpabilização da vítima pela violência sofrida e de desculpabilização dos/as agressores/as, principalmente por parte dos rapazes. Também afirmaram que as próprias vítimas adotam estes discursos, o que perpetua a relação abusiva.

“Eu acho que é masoquista por estar a pensar assim. Porque há muitas maneiras de sair disso. Tu hoje em dia consegues sair disso, levantas o rabo e vais à polícia.” 6MiDM.

“De qualquer das formas nós tentamos sempre justificar as atitudes do nosso parceiro.” 1FP.

“E tipo, de um momento para o outro tu percebes que não é a mesma pessoa. E comesças a achar que o problema não é ela, porque essa pessoa não era assim. O problema sou eu. Se a pessoa mudou e tu estás com ela, alguma coisa tu fizeste para que ela ficasse assim.” 6MiDP.

8.2.5. Obstáculos ao Término da Relação Abusiva

Os discursos dos/as jovens incluíram múltiplas razões que mantêm as vítimas na relação abusiva. Estes/as afirmaram que a dependência emocional da vítima pelo/a

parceiro/a, evita que terminem a relação. Muitas vezes isto encontra-se associado ao medo de ficarem sozinhos/as e de não encontrarem outra pessoa no futuro.

“E a grande dificuldade que hoje em dia os jovens têm é a falta de estrutura, esta dita carência, da necessidade do outro para ser feliz. Não sabem estar sozinhos. E depois permitem-se a estas coisas, a serem violentados de todas as formas e mais algumas.” 2FP.

Adicionalmente, foi notória a referência à banalização e justificação de atos violentos, tornando a violência parte do quotidiano destes/as jovens. Isto acontece principalmente quando referem o ciúme como prova de amor, bem como o controlo como uma forma de preocupação. Também referiram o excesso de informação como potenciador da naturalização de comportamentos violentos. Igualmente, muitas vítimas acreditam que a violência é apenas uma fase menos boa da relação e que irá terminar.

“Banalização. É natural ver no telejornal homens que batem em mulheres, que se torna natural.” 4MiFP.

“A violência hoje em dia é vista como uma prova de amor. O ciúme, o controlo, a perseguição.” 2MiPF

“Eu acho que uma justificação que se dá é que faz parte das más alturas do namoro, que é uma fase.” 1FP.

Igualmente, podemos perceber que algumas pessoas consideraram que as vítimas não se percecionam como tal, e que permanecem nas relações de namoro abusivas por essa razão.

“Sim, mesmo que passem por violência não têm consciência de que estão a passar. Tentam racionalizar, justificar os comportamentos do agressor, culpam-se a si próprias...” 2FP.

Também referiram que o medo das consequências do término da relação pode fazer com que estas não a terminem.

“Eu namorei dois anos e tal e andei para aí... para aí oito ou nove meses nisto. Mas tive tanto medo a relação toda. E tive tanto medo de acabar que acabei por ficar.” 6MiDF.

Por fim foi mencionada a vergonha por parte de vítimas do sexo masculino de se exporem enquanto vítimas e de serem julgados pela sociedade.

“Eu acho que eles não vão admitir que foram agredidos por uma mulher, não vão dizer aos amigos porque eles começam a gozar e ele fica rotulado como fraco.” 5FP.

8.3. Ações contra a Violência na Intimidade

8.3.1. Intervenção

Os/As jovens mencionaram, ao longo dos seus discursos, várias ações possíveis contra a violência no namoro, que passaram pela intervenção com vítimas e a prevenção

com a comunidade em geral. As estruturas de apoio surgiram como uma mais valia para a promoção da saúde mental das vítimas. No entanto, referiram que estas estruturas não conseguem dar apoio a vítimas do sexo masculino, e que os/as profissionais não estão sensibilizados para trabalhar com vítimas.

“Mas quando estamos com alguém que sabe, com credibilidade no que está a dizer, tem conhecimentos acima de mim e me abre os horizontes, passo a ver as coisas de outra forma. Ou seja, aí é quase dar consciência à vítima de que ela está a ser vítima.” 1FP.

Grande parte dos/as alunos/as não tinha conhecimento de que a violência no namoro é um crime público e que poderia ser denunciado. No entanto, quando deparados/as com esta informação, consideraram que o primeiro passo seria denunciar a situação às autoridades competentes, atribuindo especial importância quando é a vítima a fazê-lo. As testemunhas também surgem nos seus discursos como fundamentais para ajudar as vítimas a saírem das suas relações e a procurarem ajuda. Para além disso, referiram que a denúncia por parte do sexo masculino é menor e que também é desvalorizada pelas entidades competentes e a população em geral.

“Acho que também passa muito pelos outros estarem conscientes e ajudarem.” 6MiDF.

8.3.2. Prevenção

Uma das questões que os/as jovens identificaram como essencial para a prevenção da violência no namoro é a educação parental. Referem que a educação por parte dos pais e das mães passa por inculcar os valores certos, e que esses vão condicionar comportamentos futuros. Defenderam que estes/as devem conhecer o relacionamento dos/as filhos/as, de forma estarem atentos/as a sinais de violência, mas sem invadir a sua privacidade.

“Acho que a prevenção passa muito pelos pais também, pela educação em casa, os valores base de se ser uma pessoa. Porque as primeiras pessoas que nos ensinam alguma coisa são os nossos pais e a nossa família.” 2MiPF.

A educação formal é, segundo os/as participantes, uma forma de potenciar a prevenção. Enumeram a educação para a igualdade de género e a educação sexual como bases para um relacionamento saudável. Adicionalmente, referiram que temáticas como a violência no namoro devem ser trabalhadas desde cedo, devendo ser exploradas em disciplinas próprias, como a formação cívica. Igualmente, devem informar para os sinais de alerta de vitimação, para que qualquer pessoa os possa reconhecer.

“Porque é a tua sexualidade, é o teu corpo, é a tua intimidade. O meu corpo é meu, não é de mais

ninguém. Eu namoro, mas o meu corpo é meu.” 5FP.

“Se calhar precisamos de mudar pontos de vista, por exemplo na sexualidade, que a mulher não tem que ser submissa, por exemplo.” 6MiDF.

“Tem que se dizer é o seguinte, na minha opinião: isto é o MEU pénis, isto é a MINHA vagina, isto é o meu corpo. Eu dou a quem eu quiser e como eu entender. E tem que ser respeitado por mim e pelo outro.” 2MiPM.

Relativamente ao contexto universitário, ressaltaram que as ações passam mais por uma intervenção do que pela prevenção, uma vez que os valores já se encontram consolidados. Referiram a necessidade de apoio psicológico, de trabalhar estas temáticas nas unidades curriculares, e na realização de palestras em horário escolar, onde os/as alunos/as pudessem ouvir testemunhos de celebridades ou figuras públicas, uma vez que isso incentivaria ao uso das redes sociais para partilhar a informação. Adicionalmente, mencionaram a importância de realizar estudos científicos que suportem a intervenção e a prevenção. Igualmente, os/as estudantes referiram uma necessidade de desenvolvimento de competências associadas à resolução de problemas de forma positiva e não violenta e, em casos extremos, aulas de defesa pessoal.

“Acho que existe falta de suporte na universidade também, porque só falamos de psicólogos nas escolas, como se nós não precisássemos de apoio e como se não pudéssemos sofrer de violência no namoro.” 2FP.

“Temos de educar, temos de fazer pessoas melhores, e temos de mostrar que temos direitos, mas também temos deveres, tem de haver um equilíbrio e ninguém pode dominar. Mostrar que a violência não pode ser usada em nenhuma circunstância e que há formas saudáveis de resolver os problemas.” 6MiDM.

O recurso às redes sociais como forma de prevenção da violência no namoro esteve presente ao longo dos discursos dos/as jovens, sugerindo utilizar as redes sociais mais populares, como o *Twitter, Instagram e YouTube*, para chegar a um maior número de pessoas. Mencionaram a grande visibilidade de frases de empoderamento e testemunhos de pessoas conhecidas nas redes sociais.

“Acho que devíamos também utilizar as redes sociais e meios de comunicação para transmitir mensagens. Porque é tanta coisa inútil, que se passasse algum tipo de informação que desse para alguém se identificar, acho que era essencial.” 2MiPF.

9. Discussão dos resultados

A análise dos resultados obtidos permitiu aceder a uma realidade violenta crescente no que respeita às relações juvenis. É notório, ao longo dos discursos, que a

violência se tem tornado parte das relações íntimas dos/as jovens, e que estas práticas se encontram banalizadas, corroborando o que referem Machado, Macieira e Carreiras (2010). Também pudemos observar que a maior parte dos/as participantes falou na primeira pessoa, tendo admitido ter sido vítima ou perpetrado algum tipo de violência nas suas relações de intimidade.

Relativamente às tipologias de relações íntimas, podemos ver que as relações de namoro são vistas como mais sérias e de carácter mais duradouro, sendo especialmente importantes para as raparigas, como foi referido na literatura (Saavedra, Nogueira & Magalhães, 2010). É notório nos discursos dos/as alunos/as que ao longo da relação vão surgindo vários problemas interpessoais que permitem a ambos os elementos do casal crescer mutuamente, mas que, se não forem resolvidos de forma saudável, poderão levar a episódios de violência. Para além disso, as relações ocasionais, embora tipicamente associadas a rapazes, começam a fazer parte das vivências íntimas de muitas mulheres. No entanto, estas parecem estar mais sensibilizadas para as consequências que este tipo de relações pode acarretar, a nível da sua saúde sexual e reprodutiva.

Ao longo dos discursos, as questões de género foram surgindo como particularmente importantes, influenciando a vida dos/as jovens universitários (Neves, 2017). Principalmente os jovens rapazes, parecem acreditar que atualmente não existe desigualdade de género, considerando que os direitos são os mesmos para homens e mulheres. Referem, ainda, que o feminismo se tornou numa questão de moda e que levou a que a liberdade se tornasse libertinagem. Isto surge da ideia de que as mulheres se aproveitaram do movimento feminista para se colocarem numa posição superior à do homem, e para assumirem comportamentos idênticos aos tipicamente associados ao sexo masculino, como é o caso das relações ocasionais. Desta forma, estas atitudes são vistas pelos rapazes como sendo desadequados ao sexo feminino, mas como fazendo parte de um repertório de comportamentos masculinos. Contrariamente, as raparigas parecem estar mais conscientes das questões da desigualdade de género, defendendo que ainda existem assuntos a ser trabalhados para se atingir a igualdade.

Neste sentido, parece que o género influencia não só a vivência das relações de intimidade, mas também a vivência da própria sexualidade. Relativamente às relações de intimidade, podemos observar que o poder ainda é depositado no homem como forma de enaltecer a sua masculinidade, promovendo crenças de subordinação das mulheres (Caridade & Machado, 2006; Mendes, Duarte, Araújo & Lopes, 2013).

Ao nível da vivência da sexualidade, esta parece ser cada vez mais baseada no

prazer físico ao invés do sentimento, diferindo de acordo com o sexo, como defendem Dias, Machado, Gonçalves e Manita (2014). Enquanto que rapazes valorizam mais o ato sexual, as mulheres parecem dar mais valor aos sentimentos que emergem numa relação. Igualmente, os resultados apontam para uma dualidade da vivência sexual, no sentido em que os rapazes são incentivados à iniciação precoce da relação sexual, com vários/as parceiros/as; e as raparigas à sua iniciação tardia com um/a único/a parceiro/a, o que sustenta os discursos de desigualdade de género (Gomes, Fernandes, Ribeiro & Cardoso, 2018; Moyano, Monge & Sierra, 2017; Saavedra, Nogueira & Magalhães, 2010).

Adicionalmente, o contexto universitário parece influenciar a vivência das relações e sustentar crenças de supremacia do homem em relação à mulher. Este transparece como um local privilegiado para as relações ocasionais, principalmente para elementos que frequentam a praxe. Esta surgiu igualmente como sendo uma prática que sustenta a desigualdade de género e que leva a práticas de subordinação das mulheres, como sustentado pela literatura (Martins, 2012; Mendes, Duarte, Araújo & Lopes, 2013). Neste seguimento, o envolvimento neste tipo de atividades implica uma interiorização de valores associados com a hierarquização dos sexos. Este tipo de crenças sustentam práticas de violência contra as mulheres, que poderão transparecer para as relações de intimidade, como por exemplo a nível da violência sexual, que, como referido anteriormente, é especialmente motivada por atitudes de subordinação das mulheres.

Igualmente, as redes sociais parecem adquirir especial importância no quotidiano dos/as jovens, inclusive nas suas relações de intimidade. Estas são frequentemente utilizadas como formas de iniciação e de cortejo, principalmente por pessoas mais tímidas. No entanto, como refere Estébanez (2013), estas potenciam práticas de violência nas relações dos/as jovens, através do controlo, manipulação, ameaça e partilha de vídeos e fotografias de cariz sexual.

No que respeita às práticas de violência, pudemos observar que os discursos dos/as participantes reconhecem os quatro tipos principais de violência (física, psicológica, social e sexual), parecendo já estar algo sensibilizados/as para a temática, uma vez que, como foi referido na literatura, existe uma tendência para desvalorizar a violência psicológica (Moreno-Manso, Blázquez-Alonso, García-Baamonde, Guerrero- Barona & Pozueco-Romero, 2014). Os/As jovens parecem estar conscientes de que estes tipos de violência tendem a coocorrer e que, ao longo do tempo, existe uma escalada da violência em termos de frequência e intensidade, como referido por Caridade (2018).

Os/as participantes não deram especial relevância à violência física, por

considerarem ser a menos frequente. No entanto, a nível da violência psicológica identificaram os insultos, baixar a autoestima, humilhar, culpar a vítima, os ciúmes, a chantagear, causar medo e técnicas de *ghosting* (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van de Vijver, 2017; Breiding, Basile, Smith, Black & Mahendra, 2015). No que respeita à violência social, mencionaram o isolamento, a perseguição e o controlo (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van De Vijver, 2017; Cantor, Fisher, Chibnall, Townsend, Lee, Bruce & Thomas, 2015). O isolamento é visto como especialmente problemático, uma vez que evita que a violência no namoro seja detetada pelas pessoas mais próximas da vítima.

Especificamente no que respeita à violência sexual, afirmam que esta é frequente nas relações de namoro (Silva, Paulos & Maia, 2018). Os/As jovens identificaram vários tipos de violência sexual que foram mencionados na literatura, como a utilização de força física, insistência, ameaça e/ou coerção para a obtenção de relações sexuais e/ou preliminares, bem como proibição do uso do preservativo, e filmar/fotografar e partilhar conteúdos de cariz sexual sem consentimento (Bagwell-Gray, Messing e Baldin-White, 2015; Black, Basile, Breiding, Smith, Walters, Merrick, Chen & Stevens, 2011). Para além disso, os discursos parecem indicar uma obrigatoriedade da relação sexual no âmbito das relações de namoro, principalmente por parte dos rapazes, que consideram que devem terminar a relação se a rapariga não corresponder, principalmente em relações mais duradouras. Isto é referido na literatura por vários autores como consequência de discursos e crenças baseadas na submissão da mulher e da supremacia do homem (APAV, 2013; Bagwell-Gray, Messing & Baldwin-White, 2015; UNODC, STOP Rape Now & World Health Organization, 2015). A questão do consentimento é especialmente relevante. Enquanto que as participantes afirmam que é algo necessário independentemente de estarem ou não numa relação de namoro, defendendo o empoderamento e a privacidade do seu corpo; os rapazes consideram que ao estarem numa relação de intimidade, estão a consentir (Ventura, 2015; WHO, 2016).

Advindo do elevado uso das redes sociais, surgiu um outro tipo de violência sexual, referido como *nudes*. Estas são conteúdos de cariz sexual partilhados entre os casais, sendo uma prática comum nas relações de namoro, mas reprovada se for entre desconhecidos/as, como referem Forte, Castro, Neves e Ruído (2018). Estes conteúdos são frequentemente utilizados para realizar *sextorsion*, a ameaça de partilhar publicamente estes conteúdos para obter mais (Carter-Snell, 2015). De igual forma, são criados grupos nas redes sociais só para publicação destes conteúdos, juntamente com a informação pessoal sobre as vítimas como forma de vingança pelo término da relação.

Os resultados apontam, também, no sentido de uma diferença de gênero a nível da perpetração e vitimação. Embora os/as participantes tenham referido que tanto rapazes como raparigas praticam violência, focam-se na equiparação de direitos enquanto principal motivo da violência por parte das raparigas (Neves, Pereira & Torres, in press). Estão, também, conscientes de que as consequências da violência perpetrada pelo sexo masculino são mais severas, existindo uma tendência para desvalorizar a violência perpetrada por mulheres (Dardis, Edwards, Kelley & Gidycz, 2015; Machado, Macieira & Carreira, 2010). Para além disso, associam mais a violência física e sexual ao sexo masculino, e psicológica ao sexo feminino (Caridade, 2011; Niolon, Vivolo-Kantor, Lutzman, Valle, Kuoh, Burton, Taylor & Tharp, 2015). No entanto, o controlo e o ciúme parecem ser perpetrados por ambos os elementos do casal, sendo estes tipos de violência frequentemente legitimados por serem percecionados como provas de amor e preocupação, sustentando a sua prática e naturalização nas relações de intimidade, tal como referido na literatura (Pereira, 2015; Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013). Relativamente à violência sexual, parece existir uma crença de que embora a esmagadora maioria das vítimas seja do sexo feminino, também os rapazes sofrem de violência sexual, mas que, pela pressão que é imposta socialmente sobre a sua sexualidade, estes tendem a ocultar o fenómeno. Igualmente, é referido que quem pratica *sextorsion* e a partilha de *nudes* são os rapazes, como afirma Pereira (2015).

Adicionalmente, pudemos observar alguns discursos de culpabilização da vítima e desculpabilização do/a agressor/a, principalmente por parte dos elementos do sexo masculino, como mencionado por Johnson, Kuck e Schander (1997). Neste sentido, culpam as vítimas por permanecerem nas relações abusivas, referindo que estas têm todos os recursos para saírem, e desculpabilizando os/as agressores/as pelos seus atos (UNODC, STOP Rape Now & World Health Organization, 2015).

As causas explicativas para o uso da violência em relações de intimidade foram apontadas pelos/as jovens como sendo a transmissão intergeracional, as características pessoais dos/as agressores/as, o ciúme e sentimento de posse, o término das relações, a doença mental por parte do/a agressor/a, as elevadas expectativas do relacionamento, e a pressão por parte do grupo de pares (Aizpitarte, Alonso-Arbiol & Van de Vijver, 2017; Caridade, 2018; Machado, Caridade & Martins, 2010; Oliveira & Sani, 2016)

Apesar destes discursos, foram referidas algumas justificações para a permanência da vítima na relação abusiva, como a dependência emocional, a naturalização e justificação da violência, a falta de perceção enquanto vítima, o medo e a vergonha (Ali

& Naylor, 2013; Hernando, 2007; OMS, 2002). Esta última é especialmente ligada ao sexo masculino, associada à questão da masculinidade.

Ao considerarem a violência em relações de intimidade como um fenómeno recorrente, os/as jovens referem que a intervenção e prevenção são essenciais. Neste seguimento, referem a necessidade de estruturas de apoio especializadas para homens e mulheres, e o incentivo à denúncia de um crime público, devendo a sua tipificação na lei portuguesa ser amplamente difundida, uma vez que poucos/as participantes tinham consciência de que seria um crime público. A nível da prevenção, parecem dar especial importância à educação formal e informal, focando não só o papel dos pais e mães enquanto educadores/as, mas também das escolas e universidades enquanto potenciadores de uma educação para a igualdade de género e educação sexual (Grose, Grabe & Kohfeldt, 2014; Murta, Santos, Nobre, Araújo, Miranda, Rodrigues & Franco, 2013; Niolon, Kearns, Dills, Rambo, Irving, Armstead & Gillbert, 2017). Novamente, as redes sociais surgem como promotoras da intervenção e da prevenção, pelo papel que assumem na vida destes/as jovens (Estébanez, 2013).

Por fim, é importante referir as diferenças existentes relativamente aos sexos e aos cursos que os/as participantes frequentavam. Relativamente às diferenças entre os cursos, conseguimos concluir que, de uma forma geral, os/as estudantes de Educação Física e Desporto apresentam discursos direcionados para crenças mais conservadoras, centrando-se com maior frequência na culpabilização da vítima e desculpabilização do/a agressor/a. Contrariamente, os/as alunos/as de Psicologia adotaram uma postura mais sensível à temática, focando-se na capacidade de mudança através da prevenção e intervenção. No entanto, isto poderá ser explicado pela desigual distribuição dos sexos pelos cursos. Os grupos de Educação Física e Desporto eram maioritariamente constituídos por homens e os de Psicologia por mulheres. De facto, e ressaltando as diferenças entre os sexos, os rapazes parecem apresentar discursos mais conservadores e com uma maior tendência a culpabilizar a vítima pela violência sofrida (Neves, Correia, Ferreira & Borges, 2018). Para além disso, os discursos revelam que estes tendem a centralizar a sexualidade como parte imprescindível de um relacionamento, ao contrário das raparigas que valorizam o sentimento, como referido anteriormente. Isto pode ser o resultado de uma educação tradicional e cultura patriarcal, que permite uma socialização mais tolerante à agressividade e mais sexualizada por parte dos rapazes (Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013).

Parte III - Considerações Finais

A presente investigação debruçou-se sobre a análise de discursos de jovens universitários/as, de forma a caracterizar relações íntimas juvenis e dinâmicas de violência associadas, especificamente a violência sexual. As questões de género foram transversais aos discursos, influenciando não só a forma como percebem as relações de intimidade, mas também como vivem a sexualidade e a própria violência.

Ao longo do presente estudo, pudemos observar que de facto as relações íntimas juvenis são pautadas por episódios de violência, quer física, quer psicológica, social e/ou sexual. Estas ocorrências parecem ser perpetradas por ambos os membros do casal, e tendem a escalar em termos de frequência e intensidade, tornando este fenómeno uma prioridade de intervenção e prevenção. No entanto, o uso de violência por raparigas parece estar associado a uma equiparação de direitos e retaliação.

Os resultados do estudo indicam que existe, cada vez mais, uma naturalização de atos violentos, o que pode estar por detrás do uso recorrente da violência. Principalmente o controlo, seja este de amigos/as, redes sociais e/ou roupa que a vítima usa, são vistos como atos de preocupação e carinho para com o/a parceiro/a, sendo algo que faz parte das relações de intimidade dos/as jovens universitários/as. Igualmente, o ciúme surge como prova da existência de sentimento nas relações destes/as jovens, sendo visto por estes/as como algo positivo caso não escale para atos violentos.

Adicionalmente, os discursos dos/as jovens apontam para um elevado número de ocorrências de violência sexual, nomeadamente nas raparigas, que advém de uma aceitação da relação sexual como algo obrigatório numa relação de intimidade. Esta crença amplamente partilhada pelos elementos do sexo masculino, faz com que várias raparigas acabem por ceder e a realizar condutas de carácter sexual por vontade do/a seu/sua parceiro/a, como algo que é esperado por parte delas, e que pode trazer conflitos para a relação caso não correspondam. Igualmente, condutas como forçar a ter relações sexuais ou preliminares, filmar comportamentos sexuais sem a pessoa saber, partilhar *nudes* e utilizar estes conteúdos como forma de obter mais, parecem ser frequentes.

As redes sociais surgiram como especialmente relevantes, quer para a iniciação das relações de namoro, quer para a sua manutenção, sendo um mecanismo privilegiado para o surgimento de violência nas relações de intimidade, principalmente para controlar o/a parceiro/a, ameaçar e partilhar *nudes*. Estas últimas são uma prática comum entre casais de namorados/as, tornando-se a ameaça/chantagem um problema recorrente.

Durante a análise dos resultados, discursos de culpabilização da vítima e

desculpabilização do/a agressor/a estiveram presentes, principalmente por parte dos elementos do sexo masculino que consideram que as vítimas permanecem em relações abusivas porque querem, uma vez que possuem recursos para sair. Estes discursos foram mais proeminentes nos/as participantes que frequentam a licenciatura de Educação Física e Desporto, podendo, no entanto, isto dever-se ao elevando número de rapazes quando comparado com os grupos de Psicologia, sendo que estes parecem adotar crenças e atitudes mais conservadoras e tradicionais.

O contexto universitário surgiu, assim, para estes/as jovens como um local que influenciou as suas perceções acerca das relações de intimidade, devido às particularidades da cultura académica e praxística. Esta última, parece ser um local propício ao desenvolvimento de crenças e atitudes baseada na desigualdade de género, e que promove práticas associadas à mesma, perpetuando formas de violência.

Os resultados apontam para uma esperança de mudança por parte dos/as jovens, referindo a educação formal e informal como imprescindíveis. De facto, a educação é a base que potencia a mudança, quer em contexto escolar, quer universitário. Estes são locais onde se desenvolvem valores, como o respeito, e competências, como a resolução de conflitos, promovendo a socialização dos/as jovens. O facto de serem locais propícios ao aparecimento de episódios de violência, principalmente o contexto universitário, torna-os fundamentais à intervenção e prevenção destes atos.

No que respeita às limitações do presente estudo, estas relacionam-se principalmente pelo tamanho reduzido da amostra, e pelo desequilíbrio entre o número de rapazes e raparigas em cada uma das licenciaturas. Também a desejabilidade social esteve presente ao longo dos discursos, tendo-se traduzido em algumas contradições.

Futuramente, seria importante alargar o estudo a outros cursos e a outros anos de licenciatura. Estudos futuros poderiam equilibrar o número de elementos de cada sexo em ambas áreas de estudo. Seria também essencial focar os estudos sobre as razões que levam jovens universitárias a perpetrar violência; bem como aprofundar os conhecimentos acerca da obrigatoriedade da sexualidade nas relações de namoro.

Assim, podemos ver que a intervenção, e principalmente a prevenção, são necessárias no âmbito escolar e académico, principalmente quando refletimos acerca das práticas de violência em contexto de relações de intimidade. É importante não só trabalhar estas questões desde cedo, mas também dotar os/as jovens de valores e competências que funcionem como fatores protetores da violência no namoro.

Referências Bibliográficas

- Abbey, A., Wegner, R., Pierce, J., & Jacques-Tiura, A. J. (2012). Patterns of sexual aggression in a community sample of young men: Risk factors associated with persistence, desistance and initiation over a one year interval. *Psychological Violence, 2*(1), 1-15. doi: 10.1037/a0026346
- Ackard, D. M., Eisenberg, M. E., & Neumark-Sztainer, D. (2007). Long-term impact of adolescent dating violence on the behavioral and psychological health of male and female youth. *Journal of Pediatrics, 151*(5), 476-81. doi: 10.1016/j.jpeds.2007.04.034
- Ackard, D. M., Neumark-Sztainer, D., & Hannan, P. (2003). Dating violence among a nationally representative sample of adolescent girls and boys: Associations with behavioral and mental health. *Journal of Gender-Specific Medicine, 6*(3), 39-48. Retirado de <http://europepmc.org/abstract/med/14513575>
- Aizpitarte, A., Alonso-Arbiol, I., & Van De Vijver, F. J. (2017). An explanatory model of dating violence risk factors in Spanish adolescents. *Journal of Research in Adolescence, 1*-35. doi: 10.1111/jora.12315
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo, Brasil. *Psicologia Teoria e Prática, 6*(1), 105-120. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v6n1/v6n1a09.pdf>
- Ali, P. A., & Naylor, P. B. (2013). Intimate partner violence: A narrative review of the feminist, social and ecological explanations for its causation. *Aggression and Violent Behaviour, 18*, 611-619. doi: 10.1016/j.avb.2013.07.009
- Anaconda, C. A. (2008). Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: Una revisión de la literatura. *Avances en Psicología Latinoamericana, 26*(2), 227-241. Retirado de <http://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/64>
- Andrade, C. J., & Fonseca, R. M. (2008). Considerações sobre a violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, 42*(3), 591-595. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n3/v42n3a24>
- Antunes, D. C., & Zuin, A. A. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade, 20*(1), 33-42. Retirado de <http://www.redalyc.org/html/3093/309326454004/>
- Armstrong, E. A., Hamilton, L., & Sweeney, B. (2006). Sexual assault on campus: A

- multilevel integrative approach to party rape. *Social Problems*, 53(4), 483-499. doi: 10.1525/sp.2006.53.4.483
- Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friend's or their parent's footsteps? *Journal of interpersonal violence*, 19, 162-184. doi: 10.1177/0886260503260247
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2013). *Manual Unisexo: Para o atendimento a vítimas adultas de violência sexual*. Retirado de https://apav.pt/publiproj/images/yootheme/PDF/Manual_UNISEXO.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2016). *Estatísticas APAV: Relatório Annual de 2015*. Retirado de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2015.pdf
- Bagwell-Gray, M. E., Messing, J. T., & Baldwin-White, A. (2015). Intimate partner sexual violence: A review of terms, definitions, and prevalence. *Trauma, Violence & Abuse*, 16(3), 316-335. doi: 10.1177/1524838014557290.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N., Fabião, J. A., Dixe, M. A., Veríssimo, C. M. & Ferriani, M. G. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191. doi: 10.5935/1414-8145.20160024
- Black, M. C., Basile, K. C., Breiding, M. J., Smith, S. G., Walters, M. L, Merrick, M. T., Chen, J., & Stevens, M. R. (2011). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey: 2010 summary report*. Retirado de https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/nisvs_executive_summary-a.pdf
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. doi: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Breiding, M., Basile, K. C., Smith, S. G., Black, M. C., & Mahendra, R. R. (2015). *Intimate partner violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements* (versão 2.0). Retirado de <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv/intimatepartnerviolence.pdf>
- Brooks, J., McCluskey, S., Turley, E., & King, N. (2015). The utility of template analysis in qualitative psychology research. *Qualitative Research in Psychology*, 12, 202-222. doi: 10.1080/14780887.2014.955224
- Cadwell, J. E., Swan, S. C., & Woodbrown, D. V. (2012). Gender differences in intimate

- partner violence outcomes. *Psychology of Violence*, 2(1), 42-57. doi: 10.1037/a0026296
- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664-681. doi: 10.1177/0743558403254784
- Campos, C. J. (2004). Content analysis: A qualitative data analysis tool in health care. *Revista brasileira de enfermagem*, 57(5), 611-614. doi: 10.1590/S0034-71672004000500019
- Cantor, D., Fisher, B., Chibnall, S., Townsend, R., Lee, H., Bruce, C., & Thomas, G. (2015). *Report on the AAU campus climate survey on sexual assault and sexual misconduct*. Retirado de <http://www.upenn.edu/ir/surveys/AAU/Report%20and%20Tables%20on%20AAU%20Campus%20Climate%20Survey.pdf>
- Cardona, M. J., Vieira, C., Uva, M., & Tavares, T. C. (2009). *Educação para a cidadania e igualdade de gênero*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Cidadania.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.
- Caridade, S. (2018). Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In Neves, S., & Correia, A. (Coord.). *Violências no namoro* (pp. 9-40). Maia: Edições ISMAI.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493. doi: 10.14417/ap.541
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, XXII(1), 77-104. Retirado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0874-20492008000100004
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113. Retirado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-20492013000100006&script=sci_arttext&tlng=en
- Carter-Snell, C. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In Taylor, M. & Pooley, J. (Coord). *Overcoming domestic violence* (pp. 49-65). New York: Nova Science Publishers.
- Center for Disease Control and Prevention. (2011). *Youth Risk Behavior Surveillance*.

- United States*. Retirado de <https://www.cdc.gov/mmwr/pdf/ss/ss6104.pdf>
- Center for Disease Control and Prevention. (2016). *Understanding teen dating violence*. Fact sheet. Retirado de: www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violencefactsheet-a.pdf
- Conselho da Europa (2011). *Convenção do Conselho da Europa para a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e à violência doméstica*. Retirado de <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?key=E51FE9544F4B5E864D2852A1F1E304&doc=95339&img=137570&save=true>
- Costa, D. (2017). Violência de género, igualdade e direitos humanos. In Neves, S. & Costa, D. (Coord.) *Violências de Género* (pp. 45-75). Lisboa: Edições ISCSP.
- Crenshaw, K. (1991) Mapping the margins: Intersectionality, identity politics and violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241-1299. Retirado de <http://psycnet.apa.org/record/2004-20005-010>
- Danis, F. S., & Anderson, K. M. (2008). An underserved population and untapped resource: A preliminary study of collegiate sorority response to dating violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 17(3), 336-351. doi: 10.1080/10926770802406478
- Dantas-Berger, S., & Griffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: Invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 417-425. doi: 10.1590/S0102-311X2005000200008
- Dardis, C. M., Edwards, K. E., Kelley, E. L., & Gidycz, C. A. (2015). Perceptions of dating violence and associated correlates: A study of college young adults. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-27. doi: 10.1177/0886260515597439
- Day, V. P., Telles, L. E., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(1), 9-21. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>
- Decreto Lei nº19/2013 de 21 de Fevereiro. Diário da República, I série, N°37. (2013). Acedido a 17 de Outubro 2017. Disponível em www.dre.pt.
- Dias, A. R., Machado, C., Gonçalves, R. A., & Manita, C. (2014). Discursos socioculturais sobre o amor em Portugal: Um percurso geracional? *Psicologia*, 28(1), 1-18. Retirado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v28n1/v28n1a01.pdf>
- Dias, A. R., Manita, C., Gonçalves, R. A., & Machado, C. (2013). Relações de intimidade juvenis e adultas, uma análise comparativa: Das narrativas de amor às

- conjugalidades violentas. *Psicologia*, XXVII(1), 63-89. Retirado de: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v27n1/v27n1a05.pdf>
- Dias, I. (2017). Matrizes teóricas da violência de género. In Neves, S. & Costa, D. (Coord.) *Violências de Género* (pp. 23-44). Lisboa: Edições ISCSP.
- Díaz-Aguado, M. J., Arias, R. M., & Seoane, G. M. (2004). *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la adolescencia: La violencia entre iguales en la escuela y en el ocio*. Madrid: Instituto de la Juventud.
- Dillan, G., Hussain, R., Loxton, D., & Rahman, S. (2013). Mental and physical and intimate partner violence against woman: A review of the literature. *International Journal of Family Medicine*, 1-15. doi: 10.1155/2013/313909
- Dobash, R. P., & Dobash, R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships: Working on a puzzle. *British Journal of Criminology*, 44, 324-349. doi: 10.1093/bjc/azh026
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124. Retirado de: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13703>
- Edwards, S. R., & Hinsz, V. B. (2014). A meta-analysis of empirically tested school-based dating violence prevention programs. *SAGE Open*, 4, 1-8. doi: 10.1177/2158244014535787
- Estébanez, I. (2013, novembro). *Las nuevas tecnologías como arma de control*. Trabalho apresentado no Encontro Internacional sobre o impacto dos diversos fundamentalismos religiosos, económicos e culturais no exercício dos direitos sexuais e reprodutivos, Donostia.
- European Union Agency For Fundamental Rights (2014). *Violence against women: an EU-wide survey*. Retirado de http://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2014-vaw-survey-main-results-apr14_en.pdf
- Figueiredo, D. C. (2014). Discurso, género e violência: Uma análise de representações públicas do crime de estupro. *Linguagem e Direito*, 1(1), 141-158. Retirado de <http://pentaho.letras.up.pt/ojs/index.php/LLLD/article/viewFile/2448/2238>
- Filho, A. T. (2005). Uma questão de género: Onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, 24, 127-152. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n24/n24a07.pdf>
- Forte, A., Castro, Y., Neves, S., & Ruído, P. (2018). O *sexting* e as suas consequências

- nas relações de intimidade juvenil: Novas formas de violência sexual online. In Neves, S. & Correia, A. (Coord.). *Violências no namoro* (pp. 9-40). Maia: Edições ISMAI.
- Foshee, V. A., McNaughton, H. L., Vivolo-Kantor, A. M., Basile, K. C., Chang, L., Faris, R., & Ennett, S. T. (2014). Bullying as a Longitudinal Predictor of Adolescent Dating Violence. *Journal of Adolescent Health, 55*, 439-444. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.03.004
- Galego, C., & Gomes, A. A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: O “focus group” como instrument de investigação. *Revista Lusófona de Educação, 5*, 173-184. Retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/1419/1/Educacao05.pdf> Gomes.pdf
- Gomes, A., Fernandes, A., Ribeiro, R., & Cardoso, J. (2018). Ciberpornografia e atitudes sexuais em estudantes universitários: Estudo exploratório. *Atas do 12.º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, 33-41*. Retirado de http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6229/1/12CongNacSaude_033.pdf
- Gonzalez-Ortega, I., Echeburúa, E., & Coral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: Una revisión. *Behavioral Psychology, 16*(2), 207-225. Retirado de <https://www.uv.mx/cendhiu/files/2012/09/Variablespsic.manoella.pdf>
- Grose, R. G., Grabe, S., & Kohfeldt, D. (2014). Sexual education, gender ideology, and youth sexual empowerment. *Journal of Sex Research, 51*(7), 742-753. doi: 10.1080/00224499.2013.809511
- Guimarães, S. P., & Campos, P. H. (2007). Norma social violenta: Um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 20*(2), 188-196. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a03v20n2>
- Hernando, A. H. (2007). La prevención de la violencia de género en adolescentes: Una experiencia en el ámbito educativo. *Apuntes de Psicología, 25*(3), 325-340. Retirado de <http://apuntesdepsicologia.es/index.php/revista/article/download/128/130>
- Hester, M., & Lilley, S. J. (2017). More than support to court: Rape victims and specialist sexual violence services. *International Review of Victimology, 1-16*. doi: 10.1177/0269758017742717
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2002). Intergenerational transmission of intimate partner

- violence: A behavioral genetic perspective. *Trauma, Violence & Abuse*, 3(3), 210-225. doi: 10.1177/15248380020033004
- Iconis, R. (2008). Rape myth acceptance in college students: A literature review. *Contemporary Issues in Education Research - Second Quarter*, 1 (2), 47-51. Retirado de <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1056477.pdf>
- Ismail, F., Berman, H., & Ward-Griffin, C. (2007). Dating violence and the health of young women: A feminist narrative study. *Health Care for Women International*, 28, 453-477. doi: 10.1080/07399330701226438
- Jackson, S. (2008). Happily never after: Young women's stories of abuse in heterosexual love relationships. *Feminism & Psychology*, 11(3), 305-321. doi: 10.1177/0959353501011003004
- Johnson, B. E., Kuck, D. L., & Schander, P. R. (1997). Rape myth acceptance and sociodemographic characteristics: A multidimensional analysis. *Sex Roles*, 36, 693-707. Retirado de <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1025671021697>
- Kinalski, D. D., Paula, C. C., Padoin, S. M., Neves E. T., Kleinubing, R. E., & Cortes, L. F. (2017). Focus group on qualitative research: experience report. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(2), 424-429. doi: 10.1590/0034-7167-2016-0091
- Krueger, R. A. & Casey, M. A. (2000). *Focus Groups. A Practical Guide for Applied Research* (3rd Edition). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lichter, E. L., & McCloskey, L. A. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28(4), 344-357. doi: 10.1111/j.1471-6402.2004.00151.x
- Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). *Inquérito nacional sobre a violência exercida contra mulheres e homens*. Retirado de <http://onvg.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/31/2016/12/violencia-e-genero.pdf>
- Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. doi:10. 1007/s10896-009-9268-x
- Machado, L. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal* (dissertação de mestrado). Retirado do Repositório institucional da universidade de Fernando Pessoa (<http://hdl.handle.net/10284/1567>)
- Machado, T. S., Macieira, I. M., & Carreiras, M. C. (2010). Violência nas relações de namoro: influência de crenças e área de formação. *Revista Psicologia, Educação*

- e Cultura*, XIV(2), 355-372. Retirado de https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5272/1/2010_PEC_2.pdf#page=119
- Magalhães, M., Pontadeira, C., Guerreiro, A., & Ribeiro, P. (2016). *Cenas.Igualdade: Programa de Prevenção da Violência e Delinquência Juvenil*. Retirado de https://www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/programas_prevencao/gwr4ehxx-livroartways-finalissimo.pdf
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30(1), 97-102. doi: 10.2307/584242
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para intervir, guia de boas práticas para profissionais de saúde*. Retirado de https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4_GBP_PROFISSEIONAIS_SAUDE.pdf
- Martins, M. M., Macedo, M. S., Mira, R., Sanchez, S., Caldeira, D., Pimenta, S., Montano, T., Menezes, B., Castanho, A. (2015). *Guia de Bolso sobre Violência Sexual para Profissionais*. Retirado de http://cidadaniaemp Portugal.pt/wp-content/uploads/recursos/guia_de_bolso_sobre_violencia_sexual_para_sobreviventes.pdf
- Martins, S. (2012). *Vitimização e perpetração sexual em jovens adultos: da caracterização da prevalência às atitudes* (tese de doutoramento). Repositório da Universidade do Minho (<http://hdl.handle.net/1822/24405>).
- Masadeh, M. A. (2012). Focus Group: Reviews and Practices. *International Journal of Applied Science and Technology*, 2(10), 63-68. Retirado de http://ijastnet.com/journals/Vol_2_No_10_December_2012/9.pdf
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75. Retirado de <http://www.redalyc.org/html/1938/193818626004/>
- Mendes, J. M., Duarte, M., Araújo, P., & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: representações e práticas. *Teoria e Sociedade*, 21(2), 87-112. Retirado de <http://dcs.fafich.ufmg.br/~revistasociedade/index.php/rt/article/download/83/68>
- Molidor, C., & Tolman, R. M. (1998). Gender and contextual factors in adolescent dating violence. *Violence against Women*, 4(2), 180-194. doi: 10.1177/1077801298004002004

- Moreno-Manso, J. M., Blázquez-Alonso, M., García-Baamonde, M. E., Guerrero-Barona, E., & Pozueco-Romero, J. M. (2014). Gender as an Explanatory Factor of Psychological Abuse in Dating Couples. *Journal of Social Service Research, 40*(1), 1–14. doi: 10.1080/01488376.2013.842951
- Moyano, N., Monge, F. S., & Sierra, J. C. (2017). Predictors of sexual aggression in adolescents: Gender dominance vs. rape supportive attitudes. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context, 9*, 25-31. doi: 10.1016/j.ejpal.2016.06.001
- Muehlenhard, C. L., Humphreys, T. P., Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2016). The complexities of sexual consent among college students: A conceptual and empirical review. *The journal of sex research, 55*(4-5), 457-487. doi: 10.1080/00224499.2016.1146651
- Murta, S. G., Santos, B. R., Nobre, L. A., Araújo, I. F., Miranda, A. A., Rodrigues, I. O., & Franco, C. T. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP, 24*(2), 263-288. Retirado de: <http://www.redalyc.org/html/3051/305128932005/>
- National Center for Injury Prevention and Control. (2014). *Sexual violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements*. Atlanta: Centers for Disease Control and Prevention. Retirado de: https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/sv_surveillance_definitions-2009-a.pdf
- Nelas, P., Chaves, C., Coutinho, E., Cruz, C., & Amaral, O. (2016). Violência no namoro, adaptabilidade e coesão familiar em estudantes do ensino superior. *International Journal of Developmental and Educational Psychology, 2*(1), 357-364. doi: 10.17060/ijodaep.2016.n1.v2.234
- Neves, S. (2008). *Amor, poder e violências na intimidade: Os caminhos entrecruzados do pessoal e do político*. Coimbra: Quarteto.
- Neves, S. (2014a). De vítimas a agressoras: A (aparente) dupla posição das raparigas na violência no namoro heterossexual. In V. Duarte, & M. I. Cunha (Coord.) *Violências e Delinquências juvenis femininas: género e (in)visibilidades sociais* (pp. 63-76). Famalicão: Editora Húmus. doi: 978-989-755-034-8.
- Neves, S. (2014b). Violência no namoro: Conhecer para educar, educar para prevenir. In: L. Valente Monteiro (Coord.), *Manual de Boas Práticas para as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens*, 142-149. Porto: Associação Projeto Criar.

- Neves, S. (2017). Violência de género na intimidade heterossexual. In Neves, S. & Costa, D. (Coord.) *Violências de Género* (pp. 45-75). Lisboa: Edições ISCSP.
- Neves, S., Correia, A., Ferreira, M., & Borges, J. (2018). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas - 2017-2018*. Retrieved from https://drive.google.com/file/d/1_pl7RCkiuNVE17x6DWvACup5Izb7Q2QT/view?usp=sharing. Porto: Associação Plano i.
- Neves, S., Correia, A., Ferreira, M., Borges, J., & Ehmke, W. (2018). *Observatório da Violência no Namoro – Resultados de 2017*. Retrieved from <https://drive.google.com/file/d/18uUYdWtBfrbuk-YPuZ8SIId44BMCAA8rA/view?usp=sharing>. Porto: Associação Plano i.
- Neves, S., Correia, A., Torres, J., Borges, J., Silva, E., & Topa, J. (2018). UNi+ - Programa de prevenção da violência no namoro em contexto universitário: Enquadramento concetual e resultados do diagnóstico de necessidades. In Neves, S. & Correia, A. (Coord.). *Violências no namoro* (pp. 9-40). Maia: Edições ISMAI.
- Neves, S. & Torres, J. (2015). Gender Social Relations and Violence in Intimacy: Discourses of Young Cape Verdean. *Revista Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça*, 7, 138-160. Retirado de https://www.safetylit.org/citations/ild_request_form.php?article_id=citjournalarticle_505951_24
- Neves, S., Pereira, J., & Torres, J. (in press). Violências no namoro heterossexual: As vozes das raparigas.
- Niolon, P. H., Kearns, M., Dills, J., Rambo, K., Irving, S., Armstead, T. L., & Gillbert, L. (2017). *Preventing intimate partner violence across the lifespan: A technical package of programs, policies, and practices*. Retirado de <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv-technicalpackages.pdf>
- Niolon, P. H., Vivolo-Kantor, A. M., Latzman, N. E., Valle, L. A., Kuoh, H., Burton, T., Taylor, B. G., & Tharp, A. T. (2015). Prevalence of teen dating violence and co-occurring risk factors among middle school youth in high-risk urban communities. *Journal of Adolescent Health*, 56(2), S5-S13. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.07.019
- Njaine, K., Silva, A. C., Mújica, A. M., Gomes, R., & Delziovo, C. R. (2014). *Violência e perspectiva relacional de género*. Retirado de

<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/1863>

- Nogueira, C., Saavedra, L., & Costa, C. E. (2008). (In)visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: Propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. *Pro-Posições*, 19(2), 59-79. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/11637>
- Nunes, M. T. (2009). *O feminino e o masculino nos materiais pedagógicos: (In)visibilidades e (des)equilíbrios*. Retirado de https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/Miolo_Feminino_e_o_Masculino.pdf
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In Silva, B. D. & Almeida, L. S. (Coords), *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, 1061-1074. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2016). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170. Retirado de https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf
- Organização Mundial de Saúde. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Retirado de <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalências em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/4211>
- Pereira, J. (2015). *Violência no namoro: discursos de jovens raparigas estudantes portuguesas* (Dissertação de mestrado). Retirado do Repositório da Universidade do Porto.
- Platero, R. L. (2014). The influence of psychiatric and legal discourses on parents of gender- nonconforming children and trans youths in Spain. *Journal of GLBT Family Studies*, 10(1-2), 145–167. doi: 10.1080/1550428X.2014.857232
- Powell, A. (2010). Configuring Consent: Emerging Technologies, Unauthorized Sexual Images and Sexual Assault. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 43, 76-90. doi:10.1375/acri.43.1.76
- Ressel, L. B., Beck, C. L., Gualda, D. M., Hoffmann, I. C., Silva, R. M., & Sehnem, G. D. (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 770-786. Retirado de

<http://www.redalyc.org/html/714/71411240020/>

- Ribeiro, M. C., & Sani, A. I. (2008). As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 5, 176-186. Retirado do Repositório institucional da Universidade Fernando Pessoa (<http://hdl.handle.net/10284/909>)
- Risman, B. J., & Davis, G. (2013). From sex roles to gender structure. *Current Sociology Review*, 61(5-6), 733-755. doi: 10.1177/0011392113479315
- Rodríguez-Castro, Y., Alonso-Ruido, P., González-Fernández, A., Lameiras-Fernández, M., & Carrera-Fernández, M. V. (2017). Spanish adolescent's attitudes towards sexting: Validation of a scale. *Computers in Human Behaviour*, 73, 375-384. doi: 10.1016/j.chb.2017.03.049
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual. *Educação e Sociedade*, 31(110), 135-156. Retirado de <http://www.redalyc.org/html/873/87315813008/>
- Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica*, XXX(1-2), 109-130. Retirado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a10.pdf>
- Santos, K. B., & Murta, S. G. (2016). Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(4), 787-800. doi: 10.1590/1982-3703000272014
- Senn, C. Y., Eliasziw, M., Barata, P. C., Thurston, W. E., Newby-Clark, I. R., Radtke, L., & Hobden, K. L. (2015). Efficacy of a sexual assault resistance program for university women. *The New England Journal of Medicine*, 372(24), 2326-2335. doi: 10.1056/NEJMSa1411131
- Shahali, S., Lamyian, M., Mohammadi, E., Kashanian, M., & Eslami, M. (2016). Social constrains and sexual violence: Experiences of female victims of sexual violence of receiving health care services. *Journal of Research and Health*, 6(5), 504-511. doi: 10.18869/acadpub.jrh.6.5.504
- Shorey, R. C., Wymbs, B., Torres, L., Cohen, J. R., Fite, P. J., & Temple, J. R. (2017). Does change in perceptions of peer teen dating violence predict change in teen dating violence perpetration over time? *Aggressive behavior*, 44(2), 156-164. doi: 10.1002/ab.21739

- Silva, A., Albuquerque, M., & Mira, R. (2017). Violência sexual. In Neves, S. & Costa, D. (Coord.) *Violências de Género* (pp. 45-75). Lisboa: Edições ISCSP.
- Silva, A., Paulos, S., & Maia, V. (2018). Violência sexual no namoro. In Neves, S. & Correia, A. (Coord.). *Violências no namoro* (pp. 9-40). Maia: Edições ISMAI.
- Sistema de Segurança Interna (2014). *Relatório Anual de Segurança Interna 2013*. Retirado de <https://pt.scribd.com/document/262466053/RASI-2013>
- Sistema de segurança interna (2015). *Relatório anual de segurança interna 2014*. Retirado de http://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/Abril_2015/relatorioseginterna2014.pdf
- Sistema de segurança interna (2016). *Relatório anual de segurança interna 2015*. Retirado de [http://www.ansr.pt/InstrumentosDeGestao/Documents/Relatório%20Anual%20de%20Segurança%20Interna%20\(RASI\)/RASI%202015.pdf](http://www.ansr.pt/InstrumentosDeGestao/Documents/Relatório%20Anual%20de%20Segurança%20Interna%20(RASI)/RASI%202015.pdf)
- Smith, D. & Donnelly, J. (2000). Adolescent Dating Violence: A Multi-Systemic Approach of Enhancing Awareness in Educators, Parents, and Society. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 21(1), 53-64. doi:10.1300/J005v21n01_04.
- Söchting, I., Fairbrother, N., & Koch, W. J. (2004). Sexual assault of women: Prevention efforts and risk factors. *Violence Against Women*, 10, 73-93. doi: 10.1177/1077801203255680
- Stader, D. L. (2011). Dating violence. *The clearing house: A journal of educational strategies, issues and ideias*, 84(4), 139-143. doi: 10.1080/00098655.2011.564980
- Strassberg, D. S., McKinnon, R. K., Sustaíta, M. A., & Rullo, J. (2012). Sexting by high school students: An exploratory and descriptive study. *Archives of Sexual Behavior*, 42(1), 15-21. doi: 10.1007/s10508-012-9969-8
- Straus, M. A., & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples, incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54(2), 346-357. doi: 10.2307/353066
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and Preliminary Psychometric Data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316. doi: 10.1177/019251396017003001.

- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the Definition, Measurement, Consequences, and Prevention of Dating Violence Victimization among Adolescent Girls. *Journal of Women's Health, 18*(7), 923- 927. doi:10.1089/jwh.2009.1515
- Torres, C., Robles, J., & Marco, S. (2014). *El ciberacoso como forma de ejercer la violencia de género em la juventud: Um riesgo em la sociedad de la información y del conocimiento*. Retirado de http://www.msssi.gob.es/va/ssi/violenciaGenero/publicaciones/estudiosinvestigaciones/PDFS/El_Ciberacos_Juvent.pdf
- Toscano, S. E. (2007). A grounded theory of female adolescents' dating experiences and factors influencing safety: the dynamics of the Circle. *BMC Nursing, 6*(7). doi: 10.1186/1472-6955-6-7
- União de Mulheres Alternativa e Resposta (2016). *Relatório de imprensa: Dados violência no namoro 2016*. Lisboa: UMAR.
- União de Mulheres Alternativa e Resposta (2017). *Violência no namoro: Resultados nacionais apontam a gravidade do problema*. Retirado de http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Relatorio_de_Imprensa_Final.pdf
- United Nations Office on Drugs and Crime, STOP Rape Now & World Health Organization (2015). Strengthening the medical-legal response to sexual violence. Retirado de https://www.unodc.org/documents/publications/WHO_RHR_15.24_eng.pdf
- Ventura, I. (2015). Um corpo que seja seu: Podem as mulheres (não) consentir? *Ex aequo, 31*, 75-89. Retirado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602015000100007
- Ventura, M. C., Frederico-Ferreira, M. M. & Magalhães, M. J. (2013). Violência nas relações de intimidade: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista Enfermagem Referência, III*(11), 95-103. doi: 10.12707/RIII12120
- Walker, L. (1979). *The Battered Woman*. New York: Harper and Row.
- White, J. W. (2009). A gendered approach to adolescent dating violence: Conceptual and methodological issues. *Psychology of Woman Quarterly, 33*, 1-15. doi: 10.1111/j.1471-6402.2008.01467.x
- World Health Organization (2003). *Guidelines for medico-legal care for victims of sexual*

violence. Retirado de:

<http://whqlibdoc.who.int/publications/2004/924154628X.pdf?ua=1>.

World Health Organization. (2010). *Standards for sexuality education in Europe: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists.*

Retirado de

https://www.oif.ac.at/fileadmin/OEIF/andere_Publikationen/WHO_BZgA_Standards.pdf

World Health Organization. (2016). Violence against women: Intimate partner and sexual

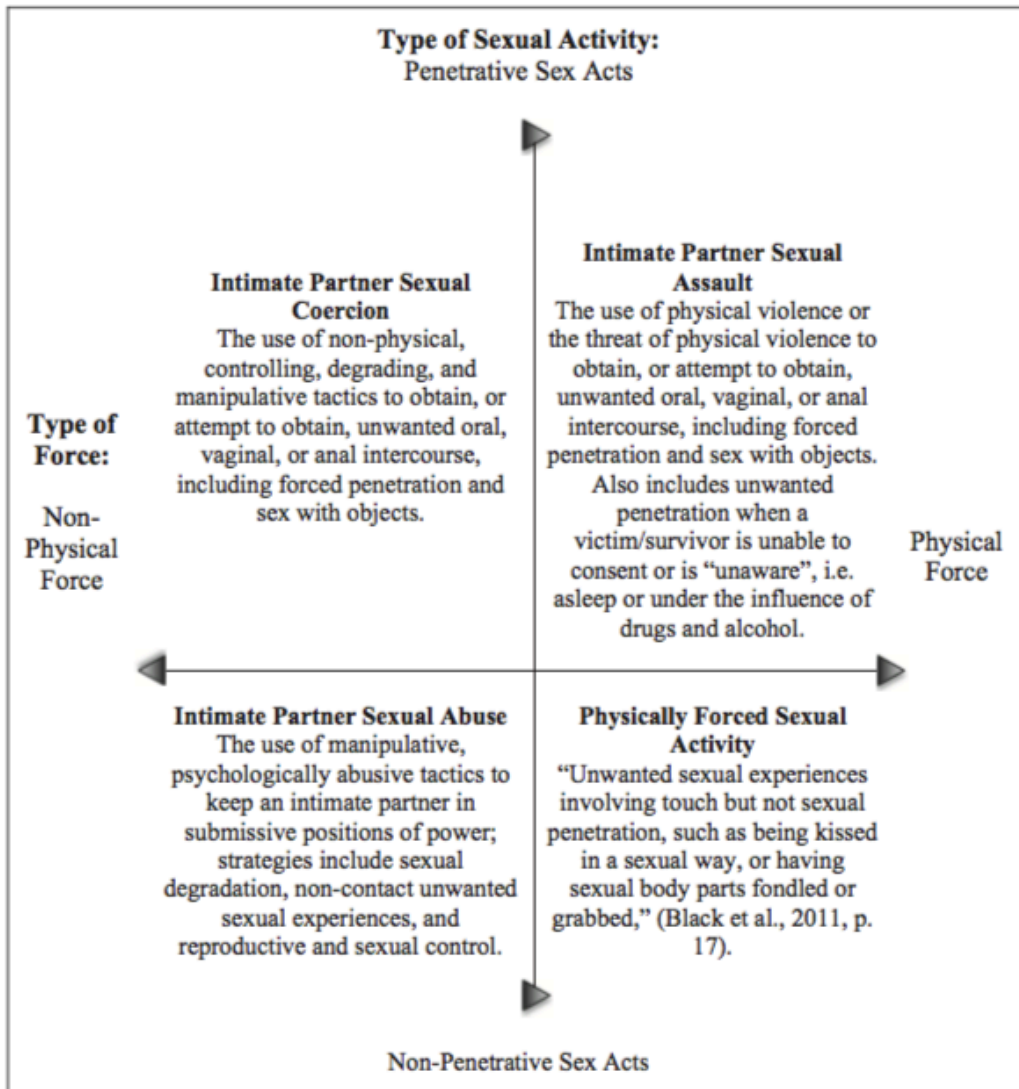
violence against women. Retirado de:

www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en

Ybarra, M. L., & Thompson, R. E. (2017). Predicting the emergence of sexual violence in adolescence. *Prevention Science* 19(4), 403-415. doi: 10.1007/s11121-017-0810-4

Anexos

Anexo 1: Gráfico de caracterização da violência sexual



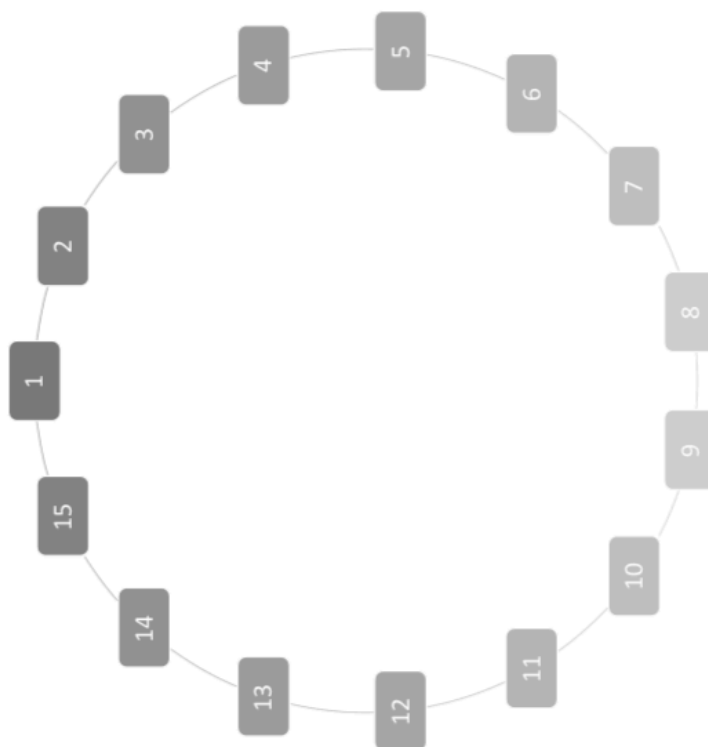
Anexo 2: Guião de entrevista**Guião de Entrevista**

- 1) De um modo geral, como caracterizam as relações de intimidade entre os/as jovens?
- 2) Na vossa opinião, as relações de intimidade são vividas de modo diferente por homens e mulheres? Se sim, porquê? Se não, porquê?
- 3) Do vosso ponto de vista, as relações de intimidade entre os/as jovens são violentas? Se sim, como é que as caracterizam?
- 4) Quais são os tipos de violência que cada sexo pratica com maior frequência? E quais os que sofre?
- 5) Como se caracteriza, na vossa opinião, a violência sexual nas relações de intimidade entre os/as jovens?
- 6) Do vosso ponto de vista, como se poderia prevenir e combater a violência nas relações de intimidade entre os/as jovens nas universidades?

Anexo 3: Ficha de organização dos *focus group*

Área: _____
Observadora: _____

Data: ____/____/____
Local: _____



Anexo 4: Questionário sociodemográfico**Questionário Sóciodemográfico****Idade:** ____**Sexo/identidade de género:** Feminino ____ Masculino ____ Outro ____**Nacionalidade** _____**Estado civil:**

Solteiro ____

Casado ____

Viúvo ____

Divorciado ____

União de facto ____

Licenciatura: Educação Física e Desporto ____ Psicologia ____

Estudante ____ Trabalhador/a estudante ____

Orientação sexual:

Heterossexual ____

Bissexual ____

Homossexual ____

Outra ____

Já teve algum tipo de relação de intimidade? Sim ____ Não ____**Se sim, qual?** Namorar ____ Andar ____ Curtir ____**Qual a duração da relação?** Menos de seis meses ____ Seis meses a um ano ____ Mais de um ano ____ Mais de dois anos ____**Encontra-se atualmente numa relação de intimidade?** Sim ____ Não ____**Se sim, qual?** Namorar ____ Andar ____ Curtir ____**Qual a duração da relação?** Menos de seis meses ____ Seis meses a um ano ____ Mais de um ano ____ Mais de dois anos ____**Relativo ao/à parceiro/a atual:**

Idade ____

Sexo/identidade de género: Feminino ____ Masculino ____ Outro ____

Nacionalidade _____

Anexo 5: Consentimento informado**Consentimento informado**

(adaptado da Organização Mundial de Saúde, 2004)

A presente investigação, realizada no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação, e coordenada pela Professora Doutora Sofia Neves, do Instituto Universitário da Maia (ISMAI) e do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG-ISCSP, ULisboa), tem como principal objetivo caracterizar os discursos e práticas de violência nas relações de intimidade de jovens universitários/as.

Para tal, serão realizadas entrevistas em grupo (*focus group*) com jovens universitários/as, que serão gravadas em formato áudio, e solicitado a cada um/a o preenchimento de um questionário sociodemográfico.

Os dados recolhidos são confidenciais e serão mantidos sob anonimato, destinando-se apenas a fins de investigação científica.

Aceita participar neste estudo? Sim ___ Não ___

Aceita que a entrevista seja gravada em áudio? Sim ___ Não ___

Na qualidade de participante declaro que tomei conhecimento dos objetivos da investigação e da decisão de poder recusar a minha colaboração a qualquer momento do processo

Declaro que me comprometo a respeitar todas as diretrizes éticas por forma a que esta investigação seja realizada em condições de segurança e respeito pelas partes envolvidas

(Assinatura do/a investigador/a)

_____, ____ de _____ de _____